



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

THOMÁS GUIDA BERNARDO

A VIDA VERTIGINOSA DE UM ESPÍRITO LIVRE NO BRASIL:
JOÃO DO RIO, O FLANEUR DA MODERNIDADE E DA DECADÊNCIA NO INÍCIO
DO SÉCULO XX

Brasília 2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

THOMÁS GUIDA BERNARDO

**A VIDA VERTIGINOSA DE UM ESPÍRITO LIVRE NO BRASIL:
JOÃO DO RIO, O FLANEUR DA MODERNIDADE E DA DECADÊNCIA NO INÍCIO
DO SÉCULO XX**

Monografia apresentada como requisito para a
conclusão do curso de licenciatura em Filosofia
da Universidade de Brasília, sob orientação do
Prof^ª. Dr^ª. Pedro Erginaldo Gontijo

Brasília 2025
THOMÁS GUIDA BERNARDO

**A VIDA VERTIGINOSA DE UM ESPÍRITO LIVRE NO BRASIL: JOÃO DO RIO,
O FLANEUR DA MODERNIDADE E DA DECADÊNCIA NO INÍCIO DO SÉCULO
XX**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Data de aprovação: ____ de _____ de 2025.

Prof. Dr. Pedro Ergnaldo Gontijo (orientador)

Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento (membro interno)

Prof. Me. Bárbara Natália Honorato de Sousa (membro externo)

Dedico este trabalho aos jornalistas, filósofos e professores que trabalharam durante a terrível pandemia de Covid 19, e enfrentaram, com ideias, atitudes e ações, o tenebroso, vil e infame governo de extrema direita no Brasil durante o período de 2018 a 2022 – e que lutaram contra esses ratos que saíram do esgoto da história e infelizmente ainda ocupam os mais variados postos na República brasileira. Aos que resistiram eu os saúdo pela coragem!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mulher e meu filho, Raíssa e Dante, a paciência e a compreensão para com este pai estudante já “coroa”, que tem se esforçado ao máximo para ser alguém importante e presente na vida deles, e que tem a sorte de desfrutar do seu amor e carinho e se fortalecer com eles. Tudo fica melhor na presença destas lindas criaturas!

Agradeço aos meus pais e meu irmão pelo suporte de sempre. Paula, Homero e Tauame, muito obrigado por tudo!

Sou grato a toda minha família, em especial a meus avós, que são exemplos do que o ser humano tem de melhor: Cylene, Déa, José Maria e William, eles serão sempre minha inspiração de vida boa.

Agradeço as professoras e os professores da Universidade de Brasília pela oportunidade de aprender com vocês. Vivam os mestres!

O caminho da felicidade

Um sábio perguntava a um louco qual era o caminho da felicidade. Este respondeu imediatamente, como alguém a quem se pergunta o caminho da cidade vizinha: “admira-te a ti mesmo e vive na rua!” — “alto lá”, exclamou o sábio, “pedes demais, já basta que nos admiremos!” O louco retrucou: “mas como admirar sempre, sem desprezar sempre?”

Gaia ciência, aforismo 213

Lá onde está a Árvore do Conhecimento é sempre o Paraíso: assim falam as mais velhas e as mais jovens serpentes.

Além do bem e do mal, aforismo 152

- Oh, Atena, protetora das cidades (...) perdoa o ridículo semibárbaro da América, filho de um século decadente (...).

Então, como eu chorasse, ouvi dentro em mim outra voz (...).

- Não repitas frases de fraqueza (...) Não te humilhes. O segredo de Atena não ficou na Acrópole, correu os outros cimos da terra (...) A vida é renovação. A lição que todos deviam saber de cor (...) está entre dois verbos: compreender e ousar (...) Não sejas fraco. Não julgues para sempre impossíveis as belezas passadas. Toma-as como incentivo e olha o mundo belamente...

Ergui-me. E na glória do tempo, olhando o espaço, abrindo os braços, aspirei largo tempo a vida luminosa. Atena, filha de Zeus, fizera a metamorfose. Eu compreendia.

Será preciso delirar na Acrópole para ter a exata compreensão da vida?

João do Rio, durante visita a Grécia, em 1913

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir filosoficamente sobre a decadência e a modernidade no início do século XX no Brasil, a partir das crônicas de João do Rio em perspectiva com a filosofia de Nietzsche, tendo ambos vivido uma vida intensa dentro de suas realidades e idiossincrasias. Para tal, será abordado parte do método de trabalho deles, passando pelos conceitos de *flaneur*, *rua* e *vida vertiginosa* do jornalista, escritor e dramaturgo carioca e de *espírito livre*, *niilismo* e *pensamentos andados* do filósofo alemão. Por meio da revisão bibliográfica constatamos que, se por um lado, Nietzsche acredita que o homem se enfraqueceu na modernidade e que houve uma intensificação do niilismo de negação da vida temporal, com a perda de valores sagrados e a crença de que haveria um Deus, por outro lado João do Rio mergulha vertiginosamente na modernidade em ambos os polos simbolicamente representados como luz e escuridão, ascensão e decadência, explorando nas ruas e na vida cotidiana das pessoas as questões pulsantes de seu tempo, as vezes admirado e encantado, as vezes aterrorizado e perplexo, muitas vezes denunciando a miséria e exploração do povo.

Palavras-chave: João do Rio, Nietzsche, flaneur; vida vertiginosa; espírito livre;

ABSTRACT

This present research aims to reflect philosophically on decadence and modernity in early 20th century Brazil, based on João do Rio's chronicles in perspective with Nietzsche's philosophy, proposing a dialogue between both, who lived an intense life within their realities and idiosyncrasies. To this end, part of their work method will be addressed, going through the concepts of flaneur, street and vertiginous life of the journalist, writer and playwright from Rio de Janeiro and the free spirit, nihilism and wandering thoughts of the German philosopher. Through the bibliographical review we found that, on the one hand, Nietzsche believes that man has weakened in modernity and that there has been an intensification of the nihilism of denial of temporal life, with the loss of sacred values and the belief that there would be a god, on the other hand João do Rio dives vertiginously into modernity in both poles symbolically represented as light and darkness, ascension and decadence, exploring in the streets and in people's daily lives the pulsating issues of his time, sometimes admired and enchanted, sometimes terrified and perplexed, often denouncing the misery and exploitation of the people.

KEYWORDS: João do Rio, Nietzsche, Flaneur; Vertiginous life; Free spirit;

SUMÁRIO

RESUMO	7
INTRODUÇÃO	11
1. PERAMBULAR COM INTELIGÊNCIA - O MÉTODO DE JOÃO DO RIO	17
1.1 A PSICOLOGIA DA RUA E SEU <i>FLANEUR</i>	22
1.2 É VAGABUNDAGEM? TALVEZ	27
2. “PENSAMENTOS ANDADOS”: O MÉTODO DE NIETZSCHE	37
3. O QUE SE VÊ NAS RUAS	44
3.1 PSICOLOGIA URBANA	56
3.2 DEVASSIDÃO E DISCIPLINA, O FLANEUR E O ARTISTA	61
3.3 - VIDA VERTIGINOSA E DECADÊNCIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX	66
4. DO POSITIVISMO AOS ORIXÁS: AS RELIGIÕES DO RIO NO PENSAMENTO DE JOÃO	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - João do Rio (Paulo Barreto) em 1909, aos 28 anos	11
Figura 2 - Jornal Gazeta de Notícias, de 31 de dezembro de 1912, publicada, manchete, há mais de 100 anos	13
Figura 3 - Primeira tradução no Brasil de O retrato de Dorian Gray feita por João do Rio	14
Figura 4 - Quadro com as obras mais citadas na biblioteca de João do Rio	33
Figura 5 - Linha Madureira-Irajá, 1926. Foto:	49
Figura 6 - Contracapa da edição original do livro Dentro da Noite	62
Figura 7 - Ford-de-bigode, produzido entre 1908 e 1927 nos Estados Unidos	67

INTRODUÇÃO

É necessário começar este trabalho dizendo quem foi João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido por um de seus pseudônimos: João do Rio (também usou Joe, X, Godofredo Alencar, Caran D’Ache, José Antônio José). Necessário porque pouco conhecido no campo da filosofia, mas celebrado, por outro lado, no jornalismo, literatura e na dramaturgia.

Ele nasceu na rua do Hospício, no Rio de Janeiro, em 1881, e morreu aos 39 anos, em 1921, vítima de um infarto fulminante dentro de um táxi. Seu cortejo fúnebre foi um dos maiores da história da cidade até a atualidade. Estima-se que mais de 100 mil pessoas participaram do velório, dentre uma população na época estimada de menos de um milhão (Rodrigues, 2010). Negro e homossexual, sofreu com preconceitos e ataques públicos a seu trabalho e sua pessoa durante boa parte de sua vida. Ao mesmo tempo, como em muitos de sua época, não assumia ser negro ou homossexual.

Figura 1 - João do Rio (Paulo Barreto) em 1909, aos 28 anos



Fonte: Arquivo Nacional (2004)

João do Rio nasce em um período de profundas transformações no país. A abolição da escravidão ocorreria quando ele tinha 7 anos, em 13 de março de 1888, e a proclamação da República no ano seguinte, em 1889. Sua cidade natal também seria totalmente reformulada.

João do Rio teve uma extensa produção intelectual que foi e continua sendo considerada bastante à frente de seu tempo. Há pelos menos dois mil e quinhentos artigos, crônicas e outros

textos dele catalogados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, segundo levantamento feito pelo biógrafo João Carlos Rodrigues, figura essencial para o redescobrimento de seu trabalho no Brasil à partir da década de 1990, uma produção considerável para alguém que viveu até os 40 anos incompletos. Grande parte dela segue esquecida, e de tempos em tempos aparece um artigo perdido em alguma revista nacional ou estrangeira, ou cartas trocadas com personalidades, como a artista Isadora Duncan e o escritor João de Barros, com quem desenvolveu profunda amizade. Enfim, um autor que segue sendo redescoberto e do qual há muito ainda para ser lido e analisado.

Ele estreia no jornalismo com 17 anos¹, em 1899, escrevendo no jornal *A Tribuna*. Ainda sem completar a maioridade, passa a colaborar regularmente em *A Cidade do Rio*, considerado órgão principal da campanha abolicionista, chefiado por José do Patrocínio. Teria trajetória profissional meteórica até virar dono de um jornal, pouco antes de sua morte, passando por todos os ofícios dos periódicos. De origem pobre e de recém escravos libertos por parte de mãe, teve uma ascensão social rara para o período. É preciso lembrar que João do Rio conquistou em vida reconhecimento e prestígio como poucos de sua geração — e uma oposição ao seu trabalho e sua pessoa igualmente fortes, especialmente pela temática desenvolvida ao longo de sua carreira.

Basta dizer que defendeu nos primeiros anos de 1900 o voto feminino (que viria a se concretizar no Brasil só na década de 1930), defendeu o direito ao divórcio (possível por lei só na década de 1970) e escreveu em favor dos direitos dos trabalhadores, que enfrentavam extenuantes jornadas de trabalho. João do Rio é considerado o primeiro repórter moderno brasileiro, que saía das redações e ia as ruas para investigar e recolher suas histórias e crônicas, e é considerado o primeiro a utilizar os novos recursos de reportagens e entrevistas nos jornais brasileiros.

Graças a seu método de trabalho, foi o primeiro a subir e escrever em jornais sobre as favelas e morros cariocas, sobre os meninos de rua, os cordões (origem do carnaval) e o samba, sobre as religiões e cultos africanos na cidade. Escreveu sobre prostitutas, tatuadores, prisioneiros e prisioneiras nas cadeias da cidade, pequenos trabalhadores autônomos, o nascente

¹ Não há muita informação sobre a formação escolar de Paulo Barreto. Segundo João Carlos Rodrigues, ele estudou no colégio do mosteiro São Bento (entre 1894 e 1895), matriculado apenas em Português (Rodrigues, 2010, p.26). O próprio pai lhe ensinou matemática. Em 1896, segundo necrólogos publicados no seu falecimento, fez concurso e teria sido aprovado no Ginásio Nacional, em Letras. Foi autodidata no aprendizado de francês, geografia, história e literatura. Bacharel em Letras, não cursou nenhuma universidade (Rodrigues, 2010, p.28).

foot-ball, estivadores e um fundamental registro sobre a violência sofrida por marinheiros negros, episódio que passou para a história como Revolta da Chibata. Foi responsável por divulgar o caso do almirante negro João Cândido ao publicar textos de seu diário na capa do jornal e dar voz ao perseguido herói da pátria.

Figura 2 - Jornal Gazeta de Notícias, de 31 de dezembro de 1912, publicada, manchete, há mais de 100 anos



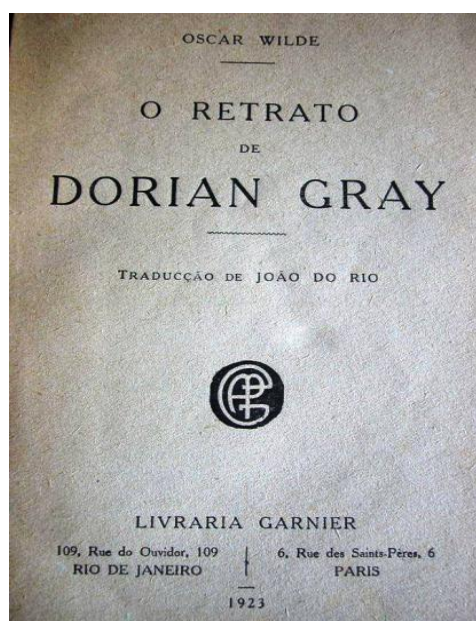
Fonte: Domínio Público

João do Rio também deu contribuição importante na literatura e na tradução. Foi o primeiro a traduzir para o português e trazer para o Brasil a obra prima de Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*, e outros livros e ensaios do escritor, também homossexual, do qual nutria profunda admiração.

Escreveu romances, contos e peças de teatro que tiveram enorme impacto em sua época, em um período que não havia rádio ou cinema. Em 1910, aos 29 anos, é eleito para ingressar na Academia Brasileira de Letras, o mais jovem até os dias atuais, e é o primeiro a utilizar o tradicional fardão — antes rejeitado por parecer um traje muito “afeminado”.

Em 1904, João realiza entre março e maio, o Momento Literário, uma série de entrevistas com os principais nomes da literatura brasileira da época, 36 escritores são entrevistados, dentre eles Olavo Bilac e outros 13 imortais da ABL (infelizmente Machado de Assis, com quem João conviveu, não quis participar), publicado como livro somente em 1908. No inquérito literário de João do Rio, como ficou conhecida a obra, três pioneiros da recepção de Nietzsche no Brasil foram entrevistados: João Ribeiro, Silvio Romero e Clóvis Beviláqua².

Figura 3 - Primeira tradução no Brasil de O retrato de Dorian Gray feita por João do Rio



Fonte: Domínio Público

Foi responsável por salvar da completa destruição partituras de músicas folclóricas portuguesas, feito que é lembrado até hoje naquele país. É homenageado com seu nome e um busto em praça de Lisboa.

Como correspondente internacional, cobriu *in loco* a Conferência de Versalhes, em 1919, em Paris, que selou o fim da primeira guerra mundial. Escreveu três extensos volumes sobre o fato e previu que mais uma guerra mundial viria (Rodrigues, 2010). Ainda na política,

² Geraldo Pereira Dias escreve sobre a recepção de Nietzsche no país e seus primeiros leitores, ainda no século XIX, destacando como precursores, o movimento germanista iniciado no Recife, em 1870. Dentre eles, encontram-se Tobias Barreto, Sílvia Romero, Clóvis Beviláqua, Almáquio Dinis, Farias Brito, Araripe Júnior, João Ribeiro dentre outros germanistas. No Brasil, a citação explícita mais antiga de Nietzsche está nos escritos de Tobias Barreto, em documento de 1876.

apoiou a campanha civilista de Rui Barbosa contra Pinheiro Machado e durante toda sua vida esteve ao lado dos progressistas.

No teatro, João atingiu o máximo de sua fama com o enorme sucesso de suas peças, que lotavam os teatros da cidade, destacando-se *A bela madame Vargas* (1912), *Eva* (1915), *As quatro fases do casamento* (1915) e *Que pena ser só ladrão* (1915). É fundador e primeiro diretor da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) para defender os direitos autorais dos escritores e roteiristas.

Era o mais cotado para apresentar e proferir o discurso de abertura da Semana de Arte Moderna de 1922. Com sua morte, o escolhido foi Graça Aranha e João considerado “apenas um pré-moderno” (Museu Baoba, 2021).

Como muitos de seu tempo, João do Rio compartilhou alguns preconceitos de sua época e faz julgamentos de valor negativo, principalmente na caracterização de personagens negros, como nos cinco primeiros artigos sobre religiões africanas na obra *Religiões do Rio*, seu primeiro livro publicado, em 1904, que se tornaria um *best seller*.

Convidamos para trilhar este percurso e dialogar com o cronista o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, lido e citado por João do Rio em muitas de suas páginas, — também um autor interessado na decadência, na modernidade, nos filósofos do futuro e em longas caminhadas, andarilho e *flâneur* como João. E também o filósofo Walter Benjamin, que imortalizou o termo *flâneur*, a especialidade de nosso dândi carioca, que o elevou a maestria na sua produção intelectual que retrata um certo Brasil que entrava no século XX, admirados com automóveis, bondes elétricos, chopps e rodas de samba.

O amigo e também escritor Elysio de Carvalho (1880-1925) descreve assim a personalidade de João do Rio, que certamente, agradaria ao filósofo alemão:

Paulo Barreto é uma individualidade muito complexa. Temperamento doentio, sensibilidade exacerbada, intensidade cerebral de visão febril, nervosa impressionabilidade artística, aflitivo de análise e psicologia mórbida, atormentado pela preocupação malsana do raro, do macabro, do horripilante e até do sórdido (...) ao mesmo tempo, um espírito bizarro, estranho, feroz, perverso, irônico, cruel, encantador, elegante e fútil, possuindo além disso todas as qualidades raras de um artista refinado, nervoso e apaixonado. (Museu Baoba, 2023)

Em *Além de Bem e Mal* (1886), Nietzsche afirma no aforisma 116 que as grandes épocas de nossa vida são aquelas em que temos “a coragem de rebatizar nosso lado mau de nosso melhor lado”. Para o surgimento do filósofo de espírito livre que ele vislumbrava para o

século XX, escreve em uma rara citação a outro autor em sua obra, o escritor Stendhal – a seu ver o último “grande psicólogo” — que para ser bom filósofo, é preciso ser seco, claro, sem ilusão. “Um banqueiro que fez fortuna tem parte do caráter necessário para fazer descobertas em filosofia, ou seja, para ver claro naquilo que é”, argumenta no aforisma 39 da mesma obra. Terá João do Rio parte das qualidades e do espírito inventivo para ser, na denominação nietzschiana, um *filósofo do futuro*? Ou seu trabalho pode ser fonte de reflexões para os tais filósofos?

Analisaremos na primeira parte desta monografia o método de João do Rio para pensar as questões da cidade que se apresentavam na tardia *belle époque* carioca, bem como sua definição do que é a rua e seus múltiplos significados, a modernidade e a arte de flunar para refletir sobre o ser humano e o mundo.

Na segunda parte da monografia analisaremos o método de Nietzsche para filosofar e caminhar, ser andarilho e também *flaneur*, e debateremos sua concepção de espírito livre para tornar possível um filósofo diferente e um ser humano mais potente.

Na terceira parte falaremos sobre as diferentes visões da “psicologia urbana” e do psicólogo na obra de ambos, além da constatação da vida vertiginosa no início do século XX e como João utilizou a crônica jornalística para romper paradigmas e refletir sobre o ser na rua, escolhendo uma crônica de sua vasta produção.

Por fim, concluiremos com as nuances filosóficas, religiosas e existenciais na obra *Religiões do Rio*, seu pioneirismo em abordar os cultos e religiões africanas e outras diferentes religiões não hegemônicas na capital brasileira.

Perambular com inteligência - o método de João do Rio

Este trabalho pretende adentrar em um percurso filosófico diferente, abarcando, entre outros, crônica jornalística, literatura e história. Um percurso *sui generis*, por um local exótico — a cidade do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX (1900 a 1920) e, por conseguinte, entender o Brasil daquela época e seus impactos no presente. Houveram mudanças decisivas na virada do século que afetaram o modo como se vivia — as cidades mudavam, a cultura, os costumes, o regime político e o povo transformavam-se na velocidade das inovações como o telefone, a eletricidade, o fonógrafo, o cinematógrafo e os automóveis. João do Rio vai tratar dessas transformações vertiginosas de um ponto de vista privilegiado, do pensamento público e da imprensa, da literatura e do teatro — das ruas, principalmente.

Ao mesmo tempo, não foram poucos os desafios enfrentados naquela época, especialmente na saúde pública. Pandemias e epidemias assolaram o Brasil, como malária, peste bubônica, varíola, tifo, sarampo e, talvez a pior delas, a gripe espanhola, que se tornaria mundial³.

Do ponto de vista da crise sanitária e psicológica, vivenciamos a partir de 2020, o terror e pânico semelhantes ao enfrentarmos a pandemia de Covid 19, que vitimou milhões de vidas ao redor do mundo. O medo invisível da morte e o isolamento social causaram impactos que por muitos anos ainda serão sentidos, tanto na saúde física quanto psíquica. Somos sobreviventes.

Durante o período crítico, dois pensadores inspiraram as primeiras linhas deste trabalho. O filósofo Friedrich Nietzsche, que nesta fase aguda da humanidade — de luta, vida ou morte, medo e esperança, tragédia e convalescência — a leitura de suas obras modificou meu olhar para o valor da vida. E o segundo, um pequeno achado escondido em minha estante, um livro comprado há muitos anos e não lido. Um livro que dizia que as ruas tinham alma, e que seu autor sentia um certo amor por vagar por elas sem rumo, experimentando o que quer que elas oferecessem. Naquele momento, a leitura de *A alma encantadora das ruas* fez todo sentido.

³ No dia 18 de outubro de 1899, foram registrados oficialmente os primeiros casos de peste bubônica no Brasil em Santos (SP). Fonte: Portal do Butantan (<https://butantan.gov.br/noticias/inicio-do-seculo-xx-o-butantan-e-o-combate-a-epidemia-de-pesto-bubonica>). Sobre as demais epidemias citadas, nossa fonte foi a Fiocruz, ver o texto: **Condições de vida e vulnerabilidades nas epidemias: do cólera no século 19 à Covid-19**, presente no endereço eletrônico: coc.fiocruz.br/todas-as-noticias/condicoes-de-vida-e-vulnerabilidades-nas-epidemias-do-colera-no-seculo-19-a-covid-19/

Anos depois, a inspiração final desta monografia veio de uma leitura descompromissada de um prefácio na biblioteca do Senado Federal, por volta de julho de 2023. Como diz Vinicius de Moraes em *Samba da benção*, a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro nesta vida. Ao perambular por entre estantes, o que faço com alegria, deparei-me com uma pequena obra com título chamativo: *As religiões do Rio*, do mesmo autor que sentia alegria em caminhar, ser pedestre e crítico em seu percurso pelas ruas e por onde quer que fosse.

João do Rio escreveu prefácios marcantes em suas obras, que de certa forma, traduziam suas ideias e sua visão de mundo em poucas linhas, alguns parágrafos, quase sempre poéticos e proféticos — assim como o filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Parece que ambos dominavam a arte de resumir bem suas ideias — cada um à sua maneira, com seu estilo próprio.

Nietzsche escreveu que sua ambição era dizer em dez frases o que qualquer outro diz em um livro — ou melhor, “o que outro qualquer não diz em um livro inteiro” (Nietzsche, 2006). João do Rio afirmou que se sua ação no jornalismo brasileiro pode ser notada foi porque desde o seu primeiro artigo assinado ele nunca separou jornalismo de literatura, e procurou “fazer do jornalismo grande arte.” (Rio, 2019). Ambos se tornariam, em vida, escritores malditos, morrendo precocemente por volta dos 40 anos. A morte de Nietzsche em 1900, na Alemanha, e a de João do Rio, em 1921, no Brasil, denota a proximidade temporal de ambos (numa perspectiva mais ampla), que produziram muito durante o curto período de vida que tiveram.

O referido prefácio que inspirou este trabalho — presente em *As Religiões do Rio* — é um dos exemplos da escrita provocativa e sedutora do cronista. Trata-se de uma série de matérias publicadas pelo autor no jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, entre janeiro a março de 1904, onde é possível notar a habilidade do cronista para apresentar a obra, e a coragem de dar uma definição de religião pouco ortodoxa para a época. Ou, na ironia tão marcante de seu texto, dizer que cada um acreditava ser o seu culto religioso o único verdadeiro no mundo. Reunidas em livro, editadas no mesmo ano, João cita o filósofo francês Montaigne para reforçar o que ele acreditava ser um livro de boa fé — prevendo as polêmicas que viriam sobre o trabalho, até hoje controverso, pioneiro, histórico, maldito:

A religião? Um misterioso sentimento, misto de terror e de esperança, a simbolização lúgubre ou alegre de um poder que não temos e almejamos ter, o desconhecido avassalador, o equívoco, o medo, a perversidade. O Rio, como todas as cidades nestes tempos de irreverência, tem em cada rua um templo e em cada homem uma crença diversa.

Ao ler os grandes diários, imagina a gente que está num país essencialmente católico, onde alguns matemáticos são positivistas. Entretanto, a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á. São swendeborgeanos, pagãos literários, fisiólatras, defensores de dogmas exóticos, autores de reformas da Vida, reveladores do Futuro, amantes do Diabo, bebedores de sangue, descendentes da rainha de Sabá, judeus, cismáticos, espíritas, babalaôs de Lagos, mulheres que respeitam o oceano, todos os cultos, todas as crenças, todas as forças do Susto.

Quem através da calma do semblante lhes adivinhará as tragédias da alma? Quem no seu andar tranquilo de homens sem paixões irá descobrir os reveladores de ritos novos, os mágicos, os nevrópatas, os delirantes, os possuídos de Satanás, os mistagogos da Morte, do Mar e do Arco-Íris? Quem poderá perceber, ao conversar com estas criaturas, a luta fratricida por causa da interpretação da Bíblia, a luta que faz mil religiões à espera de Jesus, cuja reaparição está marcada para qualquer destes dias, e à espera do Anti-Cristo, que talvez ande por aí? Quem imaginará cavalheiros distintos em intimidade com as almas desencarnadas, quem desvendará a conversa com os anjos nas chombergas fétidas?

Eles vão por aí, papas, profetas, crentes e reveladores, orgulhosos cada um do seu culto, o único que é a Verdade. Falai-lhes boamente, sem a tenção de agredi-los, e eles se confessarão - por que só uma coisa é impossível ao homem: enganar o seu semelhante, na fé. Foi o que fiz na reportagem a que a Gazeta de Notícias emprestou uma tão larga hospitalidade e um tão grande ruído; foi este o meu esforço: levantar um pouco o mistério das crenças nesta cidade. Não é um trabalho completo. Longe disso. Cada uma dessas religiões daria farta messe para um volume de revelações. Eu apenas entrevi a bondade, o mal e o bizarro dos cultos, mas tão convencido e com tal desejo de ser exato que bem pode servir de epígrafe a este livro a frase de Montaigne:

Cecy est un livre de bonne foy (este é um livro de boa fé). (Rio, 2013, p.3)

João do Rio vai percorrer a cidade para ouvir estes trágicos da alma, e mais do que isso, para ver com seus olhos, para estar no local destes cultos e conversar com seus participantes, algo inédito. Ninguém o havia feito antes, e ele irá percorrer muitos caminhos novos durante sua breve vida, porém intensa e *vertiginosa*, palavra que gostava de usar para definir a modernidade. Falaremos de *Religiões do Rio* e sua tentativa de levantar um pouco do mistério das crenças desta cidade e da obra *Vida Vertiginosa* mais adiante neste trabalho.

No prefácio também é possível vislumbrar o uso de palavras que vão permear seus textos e interesses, como o desconhecido avassalador, o medo, a perversidade, tragédias da alma, nevrópatas, entre outras, que vamos identificar como indícios de seu interesse pela decadência neste trabalho.

Eram novos tempos, modernidade repleta de contradições, algumas delas captadas por ele em seus textos publicados, a grande maioria, em jornais e revistas — os únicos veículos de comunicação de massa da época. Grandes transformações eram gestadas pela criatividade humana, e grandes tragédias se anunciavam pela miséria e ganância dos homens — duas guerras mundiais, bombas nucleares, entre outros eventos seriam devastadores.

O filósofo alemão, por outro lado, cravou que os próximos duzentos anos seriam terríveis e que “o deserto iria crescer” (Nietzsche, 1981, p.306), escreveu ainda no final do século XIX. O homem sem Deus e sem conseguir deslocar para si mesmo e para o ideal moderno de progresso (desvalorização dos valores supremos) o sentido do mundo, provocaria o aumento do niilismo, do ressentimento e da decadência.

Nietzsche propõe uma nova perspectiva, simbolizada pelo super-homem (ou além do homem) em sua filosofia, capaz da criação de novos valores — ao contrário do “último homem”, presente no início da aventura de Zaratustra, para quem não há mais valor na vida. Como observa o filósofo Roberto Machado, os dois parâmetros a partir dos quais o super-homem começa a aparecer na obra nietzschiana são Deus e a terra. “O super-homem é todo aquele que supera as oposições terreno-extraterrenos, sensível-espiritual, corpo-alma”; portanto, é todo aquele que “supera a ilusão metafísica do mundo do além e se volta para a terra, dá valor a terra.” (Machado, 2011, P.46)

Nietzsche foi e continua sendo um pensador extemporâneo, pensador sem lugar, nômade, que caminhou sozinho pelos cumes, e que teve medo, em suas palavras no *Ecce Homo* (1888, seu último livro escrito), de ser transformado em santo. Defendo neste trabalho que João fez o mesmo, a seu modo, e caminhou bastante, neste caso pelas ruas e boulevards de uma nova cidade que nascia sob os destroços de sua romântica cidade natal (dor e tragédia, espanto e experimentação), como veremos em seu método de trabalho.

Ambos observaram na modernidade nascente os impactos das crenças, da cultura, das artes, da política, da ética, da tragédia-cômica humana, um palco vertiginoso de decadentes, devassos e grandes (e escassas) figuras transformadoras do destino humano. Ambos utilizaram a polêmica para entrever na realidade algo que ninguém mais via. Evaldo Sampaio observa que Nietzsche utiliza a polêmica de acordo com sua etimologia grega *polemike*, que significa “uma arte da guerra”, “uma ciência do combate”, registrada eventualmente como “um tipo de escrita no qual se critica com acidez”. (Sampaio, 2013, P.47).

É muito interessante perceber no prefácio de *As Religiões do Rio* e, especialmente em suas crônicas/reportagens publicadas em jornais e revistas, os diferentes “João do Rio” ao escrever o texto, que se repete em diversos trabalhos: 1) **o jornalista/repórter** - aquele observador dos detalhes, *flâneur* que sai pelas ruas desinteressado, pedestre, que tenta descrever o local, as pessoas, colocar o leitor ao seu lado em determinada situação, lugar ou experiência, para que ele sinta o que o jornalista sentiu naquele momento, viu, escutou, “fotografou” — seja

mistério, medo, susto, surpresa — quem são os personagens reais com quem esbarrou, nomes, endereços, como chegou ali e por quê. 2) **o crítico/poeta/escritor/cronista** - é o autor que a partir dos dados da realidade coletados pelo jornalista, desdobra, faz uma reflexão daquele momento a partir de algo mais universal, temporal, mais complexo, que aborda questões morais, filosóficas, existenciais — o ser humano em sua complexidade de sentimentos, razões, emoções, crenças, que vai além do factual e imediato do jornalista. 3) **o pensador** - quando o autor se coloca em primeira pessoa e ambos se misturam, o jornalista e o escritor, ou o jornalista e o pensador — e este terceiro com seu leitor. Ele, João, em primeira pessoa, “sai do texto” e conversa com o leitor, como se o conhecesse, como se quisesse dar um desfecho aquela história. Este também é o João dos seminários e do inquérito literário com os maiores escritores de seu tempo. Em comum, em todas essas facetas, uma personagem que valoriza o diálogo e os encontros, e seu estilo literário único. Podemos citar um quarto aspecto ainda, o **romancista/contista e dramaturgo**, que foi alçado na Academia Brasileira de Letras pelos eu talento e originalidade.

Se João do Rio fosse “apenas” o jornalista, talvez seus textos perdessem importância e relevância 100 anos depois de sua morte, o que de fato não ocorreu. Como escreve Graziela Beting, crônicas não foram feitas para durar, normalmente breves, efêmeras, escritas de um dia para o outro — mas no caso de João, elas parecem ainda mais atuais (Rio, 2019, p.9). Se fosse “só” o crítico, teórico, que não faz uma investigação de campo, que não pisa os dois pés na realidade e nos locais do qual escreve, talvez seu trabalho se perdesse mais rápido ainda que no primeiro caso.

João do Rio antecipou ainda uma vertente do jornalismo que viria anos mais tarde, na década de 1960, especialmente nos Estados Unidos, que ficou conhecida como “Jornalismo Literário”, encabeçada por nomes como Norman Mailer, Tom Wolfe, Hunter S. Thompson, Truman Capote e outros, que traziam elementos de literatura e da ficção para o texto jornalístico e para o pensamento público.

Na literatura, também foi pioneiro e um representante (talvez único em sua época) do *decadentismo* no Brasil, um estilo literário derivado do *simbolismo*, influenciado por escritores como Oscar Wilde, Husymans, Baudelaire e outros, que buscou ou herdou da imensa biblioteca de seu pai, um professor de matemática gaúcho positivista, biblioteca esta que ele viria a multiplicar os volumes em muitas vezes. Obras que acabariam compondo uma ala do Real

Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, doadas por sua mãe após sua morte, possíveis de visita até os dias atuais.

E sobre o problema da decadência, não é errado afirmar que Nietzsche foi um mestre. “O que me ocupou mais profundamente foi *o problema da decadência* – para isso tive razões. ‘Bem’ e ‘Mal’ é apenas uma variante desse problema”, afirmou o filósofo no prefácio de *O caso Wagner*. Muitos filósofos, como o próprio Nietzsche, também fizeram da literatura uma frente de batalha para seu filosofar. Ou mesmo da poesia. Todos os livros de Nietzsche começam ou terminam com poemas do autor.

1.1 A PSICOLOGIA DA RUA E SEU *FLANEUR*

Esta complexa trama na obra de João do Rio se deve, em parte a seu método de trabalho. João do Rio foi alguém que em determinado momento de sua vida teve um pensamento transformador, que o levou mais longe do que outros colegas de seu tempo, um pensamento que certamente o transformou como escritor, jornalista, pensador e ser humano, e que moveu seu trabalho em uma direção totalmente diferente dos demais, e que, graças a ele, influenciou toda uma geração posterior. Podemos resumir em uma palavra (que ele transformou em conceito) este pensamento: rua.

“Eu amo a rua”. Com essa frase curta João do Rio abre a primeira linha da primeira página de *A Alma encantadora das Ruas*, considerado pelos críticos seu livro mais importante, que reúne textos publicados entre 1904 e 1907, na Gazeta de Notícias e na revista Kosmos, sendo editado e publicado em 1908. O texto de abertura nasce de um período de profundas transformações em sua cidade, a capital do país de então, o Rio de Janeiro, no que foi considerada a maior reforma urbana já realizada em uma cidade, capitaneada pelo prefeito Francisco Pereira Passos (1856-1913). As reformas ficariam conhecidas como “bota baixo”, sob o slogan de “o Rio civiliza-se”. Tudo se transformava a sua volta de maneira decisiva.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque sofremos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia, Os séculos passam,

deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. (Rio 2002, p.1)

A cidade passara por uma explosão demográfica pós proclamação da República e abolição. João Carlos Rodrigues, biógrafo do jornalista carioca, traz dados relevantes sobre as transformações da época feitas em sua pesquisa para o livro *João do Rio: Vida, paixão e obra*, de 2010. Em 1872, eram cerca de 280 mil habitantes na capital (ano do primeiro recenseamento confiável), 30% eram estrangeiros e 20% escravos. O número de habitantes quase que dobraria nos primeiros anos de 1900 (520 mil, 75% de nacionais com a abolição), provocando uma ocupação desordenada, repleta de miséria, fome e pobreza, especialmente no centro da cidade. As pessoas viviam em cortiços, alojamentos insalubres, sem qualquer higiene, em ruelas estreitas, sem esgoto, em condições precárias sujeitas a doenças diversas, como malária, febre amarela, varíola, peste bubônica e tuberculose (em 1891, 13 mil pessoas morreram vítimas destas epidemias, a ponto de os navios desviarem a rota do porto do Rio de Janeiro para o de Santos para evitar toda aquela imundice). Com o modelo de cidades consideradas modernas, como Paris, as obras durariam dez anos, concentradas em três eixos: reforma do porto, o saneamento no centro da cidade e o redesenho de avenidas, inspiradas nos bulevares parisienses.

O ícone maior da reforma foi a Avenida Central (atual avenida Rio Branco), ampla, que cortava a cidade de ponta a ponta, com postes de energia elétrica, lojas caras, hotéis, confeitarias. João do Rio foi um dos maiores críticos da derrubada e “limpeza” da cidade para usufruto da “gente de cima”, a base da coerção da população que lá habitava. Mas é João também que, contraditório como todo gênio, vai aproveitar a vida boêmia, bares, os chopps gelados de que tanto falava, os cafés e rir e caçoar com a alta classe do Rio. Era a *belle époque* tardia carioca que despontava, que saía de uma roupagem colonial, imperial, para as luzes. Surgiriam nessa época o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, a Cinelândia e o Palácio Monroe.

João Carlos Rodrigues traça um cenário da cidade na época do “bota baixo”. Ele aponta que a umidade e o calor da cidade proveniente dos numerosos mangues, junto a falta de esgotos (os dejetos eram atirados nas praias) e de ventilação, observa, causaram a proliferação de epidemias.

A reforma era ambiciosa e de longo prazo. Em menos de uma década desapareceram todas as prainhas entre o Arsenal de Marinha e o Caju. A prefeitura e a saúde pública proibem hortas e galinheiros no perímetro urbano; legislam contra os chalés de

madeira, favorecendo os sobrados; interditam a venda em via pública de vísceras expostas às moscas; abolem a ordenha de vacas em plena rua; caçam milhares de cães vadios e ratazanas empesteadas. A construção da avenida central (atual Rio Branco) foi conseguida após o despejo de 20 mil pessoas e a derrubada de dois mil imóveis. (Rodrigues, 2010, p.44)

Essa ambientação da cidade é importante para entender o trabalho do autor, que sofre o impacto das mudanças modernas e se espanta, ou se entristece, ou se alegra, trazendo para seu texto todas as nuances destas profundas transformações não só na arquitetura da cidade, mas também na vida das pessoas, nos costumes, nos hábitos, na forma como conviviam e também, na forma como pensavam.

Como o próprio título do livro sugere, *A Alma Encantadora das Ruas*, para João as ruas tinham alma — não eram “apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações”, a rua era mais do que isso, afirmava categoricamente. A rua é “agasalhadora da miséria”, “é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte”. “A rua é generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia ela” (Rio, 2002). E segue sua longa definição do que entende por rua, usando aquelas do Rio como condutoras de sua análise, por vezes brincando com seus nomes. Uma cidade que recém saía da monarquia (novembro de 1889) e de uma brutal e vil escravidão (maio de 1888), para a república e as reformas que viriam a transformá-la completamente — de uma cidade colonial portuguesa — para em uma metrópole moderna, ou Cosmópolis, como chamava o autor.

A rua é transformadora das línguas. Os Cândido de Figueiredo do universo estafam-se em juntar regrinhas para enclausurar expressões; os prosadores bradam contra os Cândido. A rua continua, matando substantivos, transformando significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é patrimônio clássico dos léxicos futuros. A rua resume para o animal civilizado todo conforto humano. Dá-lhe luz, luxo, bem estar, comodidade e até impressões selvagens no adejar das árvores e no trinar dos pássaros. (Rio, 2002, p.30)

Característica marcante presente no texto de João do Rio é a reprodução dos diálogos fiéis a forma como as pessoas falavam, o português da rua, algo inédito no jornalismo de então, com textos rebuscados e prolixos, excessivamente opinativos. Era um novo jeito de fazer jornalismo, de fazer crônica e pensamento público. Era um novo jeito de ver as complexas transformações que se avizinhavam na jovem república.

Por que nascem as ruas? Se pergunta o autor no mesmo texto. De quais necessidades comerciais ou sociais? E ele mesmo responde: ninguém o sabe.

Um belo dia, alinha-se um tarrascal, corta-se um trecho de chácara, aterra-se lameiro, e aí está: nasceu mais uma rua. Nasceu para evoluir, para ensaiar primeiros passos,

para balbuciar, crescer, criar uma individualidade. Os homens têm no cérebro a sensação dessa semelhança, e assim como dizem de um rapagão: — Quem há de pensar que vi este menino a engatinhar! Murmuram: — Quem há de dizer que esta rua há dez anos só tinha uma casa. (Rio, 2002, p.3)

João do Rio nos convida a sermos pedestres, como mostraremos mais adiante, a deixarmos a rua e as pessoas nelas nos guiar, sermos o que ele chamou de *flâneur*, pegando o termo emprestado dos franceses, uma das definições mais interessantes do livro *Alma Encantadora das Ruas*, e da qual o próprio autor ficaria mais tarde conhecido: como o maior *flâneur* do Rio de Janeiro. E aqui nos apresenta seu método de pensar, de investigar a realidade um tanto quanto descompromissado, mas observando atentamente e sentindo o pulsar da rua. Define ele:

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. **É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos de *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar.** É fatigante o exercício? (Rio, 2002, p.31, grifo nosso)

Na obra de outro filósofo alemão, Walter Benjamin, encontramos definição interessante de *flâneur*. Ele descreveu o *flâneur* como uma figura urbana, um tipo de observador solitário e contemplativo que vagueia pelas ruas das grandes cidades, especialmente Paris, a maior capital de então. Benjamin explorou essa figura em seu trabalho *Paris, a Capital do Século XIX* e em seus escritos sobre a modernidade e sobre o poeta Baudelaire. Para Benjamin, o *flâneur* representava uma forma de experiência urbana única, marcada pela errância despreocupada e pela observação atenta da vida cotidiana da cidade. Ele via o *flâneur* como um observador distanciado, um "caçador de ruas", que não apenas vagueava sem rumo pelas calçadas, mas também absorvia a atmosfera da cidade, capturando seus ritmos e flutuações.

O *flâneur*, para Benjamin, era também uma figura ambígua, às vezes associada à melancolia e à alienação, mas também dotada de um certo poder de subversão e resistência às forças da modernização e da alienação capitalista. Em suas divagações pelas ruas, o *flâneur* podia revelar as contradições e os estranhamentos da vida urbana moderna, oferecendo insights profundos sobre a condição humana em meio ao turbilhão da cidade. É o que lemos em Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo, por exemplo.

Mas, já naquela época, não se podia andar a passeio por todos os pontos da cidade. Calçadas largas eram raridade antes de Haussmann; as estreitas ofereciam pouca proteção contra os veículos. A *flânerie* dificilmente poderia ter se desenvolvido em toda sua plenitude sem as galerias. ‘As galerias, uma nova descoberta do luxo

industrial – diz um guia ilustrado de Paris de 1853 – são caminhos cobertos de vidro e revestidos de mármore, através de blocos de casas, cujos proprietários se uniram para tais especulações. De ambos os lados dessas vias se estendem os mais elegantes estabelecimentos comerciais, de modo que uma de tais passagens é como uma cidade, um mundo em miniatura’. **Nesse mundo o flâneur está em casa, é graças a ele ‘essa paragem predileta dos passeadores e dos fumantes, esse picadeiro de todas as pequenas ocupações imagináveis encontra seu cronista e seu filósofo’.** (Benjamim, 1989, p.35, grifo nosso)

O final da citação parece uma descrição de João do Rio, quando a rua encontra seu “cronista e eu filósofo”, que na *Alma Encantadora* vai narrar estas pequenas ocupações inimagináveis, como os vendedores de orações em folhetim, os caçadores de ratos, mercadores de livros de rua, músicos ambulantes, agenciadores de coroas de velório, tatuadores, presidiários e outros renegados do capitalismo.

Além de Benjamim, Baudelaire e Jean de Paris (esse último uma das grandes influências de João do Rio, de quem tomou seu nome e o transformou em seu pseudônimo, abasileirando-o), de Honoré de Balzac a Victor Fournel (autor de *O Que se Vê nas Ruas de Paris*, outra influência imediata de João do Rio) também marcaram a forma de pensar do jornalista-literato-cronista carioca.

É imperioso lembrar a importância dos jornais impressos nesse momento da história, sendo o principal meio de comunicação no mundo. A rádio só chegaria ao Brasil no final da década de 1930, bem depois da morte de João. Por séculos os portugueses proibiram a colônia brasileira de fazer qualquer tipo de impressão — livros, revistas, jornais — tentaram manter na ignorância os colonizados e produziram um dos maiores atrasos do continente, se não o maior. Mesmo as universidades, que já existiam nas colônias espanholas, demoraram ainda mais tempo para chegar ao Brasil, sendo permitidas, juntamente com os jornais, apenas em 1808, com a vinda da coroa portuguesa ao Brasil, em fuga de Portugal após a invasão de Napoleão Bonaparte.

Em 13 de maio 1808 é criada no Rio de Janeiro a Imprensa Régia, o que marca o início das publicações de jornais, livros e revistas no país. Em junho de 1808 foi lançado o primeiro número do Correio Braziliense, em Londres (cada número tinha cerca de 100 páginas, tinha o formato de livro, dividido em política, comércio e artes). Em 10 setembro de 1808 é lançado a Gazeta do Rio de Janeiro, primeiro jornal publicado em solo brasileiro.

1.2 É VAGABUNDAGEM? TALVEZ

Retomando *A Alma Encantadora das Ruas*, João do Rio segue sua intrigante definição para alguém da época, estranhamente moderna, com o que seria traços marcantes de seu pensamento: o humor, a ironia, a coragem, a petulância, a boemia, o flaneur, definido por ele como:

Que significa flunar? **Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem.** Flunar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saúde, depois de ter ouvido dilettanti de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande tela paga pelo Estado; **é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja.** (Rio, 2002, p.31, grifo nosso)

E conclui este trecho, com brilhantismo de um cronista experiente, como alguém que viu algo que outros não viram, apesar de seus vinte e poucos anos na época. É impressionante ler alguém com esta visão e humor em tal período, estamos falando de 1906:

É vagabundagem? Talvez. Flunar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café, como Poe no Homem da Multidões, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes. É uma espécie de secreta à maneira de Sherlock Holmes, sem os inconvenientes dos secretas nacionais. Haveis de encontrá-lo numa bela noite numa noite muito feia. Não vos saberá dizer donde vem, que está a fazer, para onde vai. **Pensareis decerto estar diante de um sujeito fatal? Coitado! O flâneur é o bonhomme possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão.** (Rio, 2002, p.32, grifo nosso)

Ou seja, a rua pode ser fonte de histórias e rico material humano para o pesquisador que se põe neste estado de espírito:

E de tanto ver que os outros quase não podem entrever, o flâneur reflete. As observações foram guardadas na placa sensível do cérebro; as frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical. **Quando o flâneur deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas.** E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia de observação... **Eu fui um pouco esse tipo complexo, e, talvez por isso, cada rua é para mim um ser vivo e imóvel.** Balzac dizia que as ruas de Paris nos dão impressões humanas. São assim as ruas de

todas as cidades, com vida e destinos iguais aos do homem. (Rio, 2002, p.32, grifo nosso)

Tentaremos entender esta complexa definição do flaneur de João do Rio dos parágrafos acima. Ou seja, flunar não é perambular atoa, é perambular com inteligência — é ter o olhar crítico, mesmo que despreocupado e sem um objetivo certo ou uma pauta pré-determinada. É estar à altura do inesperado como diz Nietzsche em um de seus aforismas, é querer o desconhecido, o medo, a vertigem do encontro as escuras, o que quer que a rua trouxer e se apresentar ao observador atento que capte sua atenção, pode ser o “menininho da gaita” ou o olhar de um jovem apaixonado como ele mesmo diz, não importa. Daí o flaneur que tinha outras coisas para resolver em seu dia se deixar levar por essa fagulha, esse momento, e não apenas observar, mas entender, desvendar e escrever o que descobriu, para onde a rua o puxou.

João do Rio deixa entender que o que está em jogo é compreender a “psicologia das ruas” (Rio, 2002), não apenas vagar, mas sim auscultá-la de alguma forma, no que a rua teria de mais profundo (alma), como se fosse um ser vivo. Para tal é necessário ter “espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível”, pois de outro modo não veremos o que ela é de fato. Só aí é possível “psicologar”, “pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas”, eis a sua compreensão da melhor maneira de refletir sobre a complexidade da vida nas ruas de sua época (Rio, 2002).

Apesar deste flaneur, que João admite ter sido ele próprio, daí uma das grandes surpresas do texto, não ser um “homem fatal”, mas um bom homem, que conversa com todos, “possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão” (Rio, 2002). Outras vezes, como lembra João Carlos Rodrigues, a realidade e suas caminhadas pela rua são transfiguradas em “mórbida ficção”, citando o caso da crônica “O papa-defunto” e de “Visões d’ópio” (Rodrigues, 2010, p.63). Nesta última (que faz parte do livro *A alma encantadora das ruas*) visitamos uma *fumérie* da colônia chinesa, próxima a Santa Casa de Misericórdia, um cenário frequente na literatura decadentista, apesar do relato de outros intelectuais que confirmam a veracidade de tal local para fumar ópio na capital carioca.

Na crônica “O papa-defunto”, o narrador está no bonde quando presencia a expulsão de um passageiro pelos outros, indignados com seu fedor.

Saltando junto com o pobre homem, trava com ele um diálogo digno de Edgar Allan Poe. O dito cujo é um lavador de cadáveres do necrotério, e, com indisfarçável prazer, conta como vez por outra leva um servicinho para casa, com o que a esposa já se acostumou. As mãos viscosas e outros detalhes lhe dão a aparência de um morto-vivo. (Rodrigues, 2010, p.64)

Este saltar do bonde de João do Rio ao ver algo que lhe atíça a imaginação, mesmo que sombrio e aterrorizante, é uma das características mais interessantes e filosóficas deste autor, podemos dizer assim. É este “salto quântico” da metafísica para a realidade, este salto do pensamento abstrato para colocar os dois pés no solo e aterrissar no chão da vida real das pessoas, que significa também, a meu ver, a rua e suas personagens para o trabalho de João do Rio. Ou seja, “a rua” também pode ser entendida como sinônimo de realidade, como símbolo do real do qual nós, pensadores, muitas vezes nos distanciamos em nossas torres, e não percebemos o que acontece com as pessoas comuns no nosso país, em seu dia-dia, suas preocupações e questões mais simples ou complexas, deixamos de auscultar os viventes da nossa cidade.

Da rua também é possível ver melhor as pessoas em suas casas, sob outra perspectiva — de fora para dentro. Às vezes, como fez João em algumas crônicas, pegando emprestado um olhar estrangeiro. Em *Gente às janelas*, de 1912, ele narra o que ele chama de a vida nas janelas, costume enraizado no Brasil até os dias atuais. Com sua observação tenaz, dialoga com um turista inglês sobre o tal costume nacional. O turista ao visitar o Rio de Janeiro pergunta se as pessoas esperavam um préstio ou uma procissão. “Porque está toda gente sempre a janela e às portas, dando conta do que se passa na rua?” (Rio, 2019, p.19), indaga. E se surpreende ao saber que não havia motivo para a espera, e sim a pura contemplação da rua, da vida dos outros, local de se fazer de um tudo: “à janela brincam as crianças, à janela compram-se coisas, à janela espera-se o namorado, à janela namora-se, salta-se, ama-se, come-se, veste-se, e dá-se conta da vida alheia, e não se faz nada”, observa João.

— Sim. O carioca vive à janela. Você tem razão. Não é uma certa classe; são todas as classes. Já em tempos tive vontade de escrever um livro notável sobre o “lugar da janela na civilização carioca”, e então passei a cidade com a preocupação da janela. É de assustar. Há um bairro elegante, o único em que há menos gente às janelas. Mesmo assim, em 30 por cento das casas nas ruas mais caras, mais cheias de vilas em amplos parques, haverá desde manhã cedo gente às janelas. Na mediania burguesa desse mesmo bairro: casas de comerciantes, de empregados públicos, de militares, vive-se à janela. Nos outros bairros, em qualquer um é o mesmo, ou antes, é pior. Pela manhã, ao acordar, o dono da casa, a senhora, os filhos, os criados, os agregados só têm uma vontade: a janela. Para quê? Nem eles mesmos sabem (Rio, 2008, p.7).

Estas passagens todas são fundamentais para entender como João do Rio utilizou suas influências literárias, especialmente europeias e cariocas, para definir, talvez a melhor definição de rua no Brasil, mas sobretudo, a crise que se apresentava sobre seus pés, a derrubada da cidade para a reforma Passos. João desconfiava que junto com os destroços a derrubada levava todo resto, o “espírito da cidade”, a alma das ruas. Eis que o “progresso” também pode representar decadência, perda de identidade, originalidade, história — tudo indo embora escombros abaixo.

Observamos no pensamento de João do Rio essa dicotomia, ele vê o progresso vertiginoso da vida social e cultural, por um lado o admira e aplaude, e por outro, com a derrubada da história, dos locais de sua trajetória, sua juventude e da sua cidade e de todos os cariocas, se entristece e denuncia a destruição desenfreada, como se nada houvesse ali além do material, além de focar sua obra também nos renegados, nos excluídos ou expulsos dessa grande transformação.

Para o historiador Antonio Edmilson Rodrigues, o jornalista carioca é sobretudo um pedestre, andando pela cidade “olhando pra cima e para baixo” com curiosidade, com um método que junta várias áreas do conhecimento — como história, antropologia e sociologia — muito próximo das pessoas no seu cotidiano. O método é um percurso, que tem a ver com caminhar pela cidade.

O método do João do Rio é um percurso crítico, você não precisa ter muito material teórico, é você olhar, caminhar e ver, e começar a explorar estas coisas de tal maneira que elas possam ganhar terreno na formalização: num texto, numa poesia, ganhar uma expressão clara, material. Quer dizer, não adianta você ficar vendo, anotando no seu caderninho de antropólogo, e aquilo não dar resultado. Ah, então eu acho que o método do João do Rio termina quando você escreve, ou seja, no método de João do Rio é obrigatório você escrever aquilo que olhou, viu, refletiu e entendeu, compreendeu. Porque é a compreensão que você tem do que você viu que você vai passar nessa sua narrativa sobre aquilo que você olhou curioso, olhou com medo, olhou tremendo, olhou alegre, esses são os estados da alma das ruas. (Sarau, 2022)

Para ele, *A Alma Encantadora* é a primeira experiência mais decisiva do método, tendo a rua como fio condutor. João parte como pedestre, falando dos estados da alma da rua e termina esta longa crônica de forma surpreendente, afirmando que todas as ruas convergem para a rua universal, que é a “rua da amargura” —, demarcando esta trajetória humana e trágica da experiência vivida na cidade.

E termina assim exatamente porque a continuidade é essa **dimensão das sombras da modernidade, as prostitutas, os meninos de rua, os tatuadores, vendedores de santinho, os acampamentos da miséria, os trabalhadores da Ponta da Areia, ele vai entrando por uma série de questões importantes que funcionam como**

denúncias mesmo. Eu acho que a alma encantadora é interessante porque é uma denúncia constante. (Sarau, 2022, grifo nosso)

De fato, João do Rio finaliza esta crônica de abertura do livro deste modo bastante inusitado e realista, chegando à “rua da amargura”, “construída na imaginação e na dor”, denotando o seu interesse, já nos primeiros textos, pela questão da decadência, vícios, taras e devassidão da condição humana presente em seu tempo, presente em todos os tempos onde houverem homens, com seu humor ácido e brincalhão ao mesmo tempo, com tons de *noir*, interessado nas sombras. Diz João em tal momento final do texto, um parágrafo marcante em sua escrita:

Neste elogio, talvez fútil, considerei a rua um ser vivo, tão poderoso que consegue modificar o homem insensivelmente e fazê-lo o seu perpétuo escravo delirante, e mostrei mesmo que a rua é o motivo emocional da arte urbana mais forte e mais intenso. A rua tem ainda um valor de sangue e de sofrimento: criou um símbolo universal. Há ainda uma rua, construída na imaginação e na dor, rua abjeta e má, detestável e detestada, cuja travessia se faz contra a nossa vontade, cujo trânsito é um doloroso arrastar pelo enxurro de uma cidade e de um povo. Todos acotovelam-se e vociferam aí, todos, vindos da Rua da Alegria ou da Rua da Paz, atravessando as betesgas do Saco do Alferes ou descendo de automóvel dos bairros civilizados, encontram-se aí e aí se arrastam, em lamentações, em soluços, em ódio à vida e ao Mundo. No traçado das cidades ela não se ostenta com as suas imprecações e os seus rancores. É uma rua esconsa e negra, perdida na treva, com palácios de dor e choupanas de pranto, cuja existência se conhece não por um letreiro à esquina, mas por uma vaga apreensão, um irredutível sentimento de angústia, cuja travessia não se pode jamais evitar. Correi os mapas de Atenas, de Roma, de Nínive ou de Babilônia, o mapa das cidades mortas. Termas, canais, fontes, jardins suspensos, lugares onde se fez negócio, onde se amou, lugares onde se se cultuaram os deuses — tudo desapareceu. Olhai o mapa das cidades modernas. De século em século a transformação é quase radical. As ruas são perecíveis como os homens. A outra, porém, essa horrível rua de todos conhecida e odiada, pela qual diariamente passamos, essa é eterna como o medo, a infâmia, a inveja. Quando Jerusalém fulgia no seu máximo esplendor, já ela lá existia. Enquanto em Atenas artistas e guerreiros recebiam ovações, enquanto em Roma a multidão aplaudia os gladiadores triunfais e os césores devassos, na rua aflitiva cuspinhava o opróbrio e chorava a inocência. Cartago tinha uma rua assim, e ainda hoje Paris, New York, Berlim a têm, cortando a sua alegria, empanando o seu brilho, enegrecendo todos os triunfos e todas as belezas. Qual de vós não quebrou, inesperadamente, o ângulo em arestas dessa rua? Se chorastes, se sofrestes a calúnia, se vos sentistes ferido pela maledicência, podereis ter a certeza de que entrastes na obscura via! Ah! Não procureis evita-la! Jamais o conseguireis. Quanto mais se procura dela sair mais dentro dela se sofre. E não espereis nunca que o mundo melhore enquanto ela existir. Não é uma rua onde sofrem apenas alguns entes, é a rua interminável, que atravessa cidades, países, continentes, vai de pólo a pólo; em que se alanceiam todos os ideais, em que se insultam todas as verdades, onde sofreu Epaminondas e pela qual Jesus passou. Talvez que extinto o mundo, apagados todos os astros, feito o universo treva, talvez ela ainda exista, e os seus soluços sinistramente ecoem na total ruína, rua das lágrimas, rua do desespero — interminável rua da Amargura. (Rio, 2008, p.51)

Neste longo parágrafo que fecha a crônica mais importante do livro, vemos a clareza de pensamento de João do Rio com relação a esse local a que todos vamos atravessar, contra nossa vontade, esse local do sofrimento, da morte, da angústia, ninguém escapará de passar por essa rua da Amargura, do Desespero (vindos da rua da Alegria ou da rua da Paz), viver é também sofrer, tudo que existe perecerá um dia, mesmo as ruas. Ao mesmo tempo, como diz o cronista no parágrafo acima, é a rua o motivo emocional da arte urbana mais forte e intensa, Nietzsche diria que é necessário celebrar a dor e a alegria, amando seu destino (*amor fati*), e para isso não há nada como a arte e o artista, ninguém canta melhor a vida do que eles, criadores por natureza. O filósofo recomenda inclusive que devemos “dar estilo a nosso caráter” (aforisma 290 de *A Gaia Ciência*), pois aquele que percebe em seu conjunto tudo o que sua natureza oferece em forças e fraquezas “para adaptá-la em seguida a um plano artístico a exerce até que cada coisa apareça em sua arte e em sua razão e que as próprias fraquezas encantem os olhos” (Nietzsche, 2012, p.175), pode de fato se dizer artista, o que raramente se encontra.

Com relação a rua, ao considerá-la um ser vivo, o que João diz que poderiam classificar seu elogio de fútil, abro aqui um parêntese para fazer uma analogia moderna. Para os que acreditam que talvez exista um exagero neste amor a rua, basta recordarmos o sentimento de todos que vivenciaram o recente período de pandemia mundial de covid 19. Todos aguardavam ansiosamente o fim do isolamento social, do lockdown, e imaginávamos como seria a vida novamente, especialmente o retorno a rua, o encontro com outras pessoas, sem máscaras, sem medo de contaminação, os abraços e beijos. Ao sermos separados da possibilidade de sair à rua, passamos a entender a importância dela para nossa saúde de maneira integral, de como de fato precisamos das interações sociais e de forma simples, da rua, para nossa maneira de ser neste mundo.

Sobre seu método, é notável vermos para época os textos de João do Rio louvando uma vagabundagem ociosa e despreziosa, aliada a um pensar crítico fulminante e irônico no início do século XX, e não nos admira que João tenha sido leitor de Nietzsche e de tantos filósofos que cita constantemente em suas crônicas, discursos e artigos. Sabemos, em parte, pelo legado de livros que deixou em sua biblioteca pessoal, que foram doados e hoje compõe um setor do Real Gabinete Português de Leitura — doação pouco conhecida em sua história, como bem mostrou o pesquisador Fabiano Cataldo de Azevedo, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Azevedo, 2010).

Como mostra seu estudo, a doação foi composta de 4.042 volumes. Desse número: 2.589 em francês; 913 em português; 224 em italiano; 166 em espanhol; 143 em inglês; 17 em latim; 2 em música (O Paiz, 11 jun. 1922). No trabalho intitulado “A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida”, ele mostra algumas das obras e as mais recorrentes na biblioteca do autor. No quadro abaixo, retirado de sua pesquisa, vemos os autores de maior ocorrência no levantamento da *Biblioteca de João do Rio*, isolaram-se apenas aqueles que aparecem mais de dez vezes, dentre eles o filósofo alemão Friedrich Nietzsche:

Figura 4 - Quadro com as obras mais citadas na biblioteca de João do Rio

QUADRO 3

Alguns autores da Biblioteca de João do Rio

Afrânio Peixoto	Eça de Queiroz	Gustavo Barroso	Stendhal
Almeida Garret	Edgar Allan Poe	Molière	Teófilo Braga
Anatole France	Emile Zola	Nietzsche	Tolstói
Antônio Vieira	Émile Littré	Olavo Bilac	Victor Hugor
Aristófanis	Espinosa	Paul Hazard	Walt Whitman
Artur Azevedo	Fénelon	Paul Janet	Walter Scott
Baudelaire	Fialho de Almeida	Paul Verlaine	
Bossuet	Gil Vicente	Platão	
Camille Flammarion	Gonçalves Dias	Santo Agostinho	
Chateaubriand	Guerra Junqueiro	Schopenhauer	
Diderot	Gustave Flaubert	Silvo Romero	

Fonte: Catálogo da Biblioteca João do Rio. Acervo: RGPL

Fonte: AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida, 2010.

Assim como em Nietzsche, um dos autores mais constantes em sua biblioteca, o tema da decadência do ser humano está presente em vários de seus textos. Decadência da arte, decadência social dos mais desvalidos, decadência da poesia, decadência dos valores morais, decadência do projeto homem. A forma como lida com essa atual situação do ser frente ao avanço da ciência e da modernidade difere de Nietzsche em muitos aspectos. João vai fundo na experiência, como que para remediar o problema ele se afundasse ainda mais na *decadance*, para perceber suas nuances, sua devassidão, seus costumes, seus autores e seus viventes.

Quanto ao tema da modernidade, é preciso olhar o quadro geral do Brasil da época para entender o que significava essa modernidade para o cronista carioca e o povo na época em questão.

Luiz Antonio Simas foi talvez o que melhor conseguiu sintetizar tal caracterização, durante a aula inaugural da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) de 2024, que homenageou naquele ano, ninguém menos que o próprio João do Rio. Ele expõe que em um

país que saiu do trabalho escravo para o trabalho livre (1888) e da monarquia para a República (1889), o Rio passou de corte para Distrito Federal da República. E a elite republicana, os homens do poder e uma geração de intelectuais da República pensaram essas questões em cima de dois elementos: a cidade do Rio de Janeiro precisava se modernizar pra se adequar a um certo modelo de desenvolvimento capitalista, como escrevemos anteriormente neste trabalho, o Rio precisava ser uma Paris tropical. A cidade fundada pra expulsar franceses (em sua origem, por Estácio de Sá), num certo momento, “resolveu que precisava ser francesa pra negar que era profundamente africana”, afirmou Simas em seu discurso.

E aqui entra o segundo elemento: a mesma elite republicana concluiu que a única maneira do Brasil ser viável era promovendo um projeto de embranquecimento racial. Segundo Simas, o projeto nefasto se dava em duas dimensões: trazendo imigrantes europeus brancos, porque esses imigrantes europeus:

...ao longo de gerações limparão, era uma expressão muito comum entre os eugenistas daquele período, a cor da pele do brasileiro e alguns intelectuais importantes diga-se, de passagem, chegaram a dizer o seguinte: se esse projeto der certo, na virada pro século XXI, nós não teremos mais traços indígenas ou negróides na população brasileira. Isso foi um projeto de estado. (Flip, 2024)

E a segunda dimensão desse branqueamento, segundo Simas, opera de uma forma muito violenta no campo do simbólico:

E aí, não tenha dúvidas, o projeto era apagar da formação cultural brasileira qualquer vestígio das culturas não brancas. Ou seja, tudo aquilo que remete às áfricas que pulsam no Brasil, as populações originárias, a muitos portugueses pobres, isso tem que ser apagado. É isso que explica a Lei de Vadiagem que vigora no Rio de Janeiro, em 1890, em que você diz que a vadiagem é crime. Mas você não diz o que é vadiagem. A Lei de Vadiagem no Brasil serviu pra criminalizar as manifestações culturais não brancas na cidade do Rio de Janeiro. (Flip, 2024)

Por fim, Luiz Antonio Simas observa que a cidade em que João do Rio viveu é uma cidade profundamente marcada por diásporas — africana, cigana e judaica, por exemplo. Especialmente na africana, a mais impactante, há ainda um sincretismo entre povos africanos, que provavelmente não ocorreria na África.

E chega ao ponto em que eu acho que é decisivo pra entender João do rio, a cultura carioca e eu diria o Brasil. Toda diáspora, como dizia Paul Gilroy, é um empreendimento de morte. É um empreendimento que aniquila laços de pertencimento, sequestra identidade, estraçalha o sentido comunitário da vida. (...) Mas se toda diáspora aniquila o sentido comunitário da vida, toda cultura de diáspora reconstrói de forma inventiva aquilo que foi aniquilado. (...) Você pensa no Rio de Janeiro, os terreros de macumba, as maltas de capoeira, os cordões carnavalescos, as

escolas de samba (...) Todas elas se fundamentam na reconstrução de modos coletivos de vida. As maneiras como você brinca, como você ama, luta, canta, como celebra os seus vivos e os mortos, como reza, como bate tambor, como você recia nas brechas de um projeto horroroso de exclusão, sentidos de beleza e de mundo. É essa cidade que impacta João do Rio, porque ele vive na encruzilhada por onde Exu passa com sua carapuça, de um lado coisa que o atraía, os boulevares, a cidade que se quer francesa. Mas pulsando, ali do lado, a cidade das vielas, a cidade dos becos, a cidade das profissões de rua, que João do Rio retrata muito bem na *Alma encantadora das ruas*. (Flip, 2024)

E o artista, figura central tanto para João como para Nietzsche, como fica nessa modernidade avassaladora do capitalismo e da vida vertiginosa que se instala aos poucos, do avanço da ciência? Qual o seu papel? João aborda a questão em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, e podemos ver influência de Nietzsche no discurso, quando cita inclusive, mesmo que sobre outro aspecto, a figura do *super homem*, muito próxima a figura nietzschiana, o egoísmo e a ambição — também temas caros que perpassam a obra do filósofo alemão.

Quando a inspiração ficou abaixo da mecânica e as fantasias delirantes não ultrapassaram a conquista do conforto, os grandes poetas tornaram-se analistas, e a poesia pessoal, repetindo com convicção pequenas coisas particulares, passou à confecção de bugigangas industriais, em que o molde é tudo. O sonho particular não interessa mais, porque todos nós vivemos num extraordinário sonho de Beleza e de Força. Nunca houve na vida humana um momento igual ao presente, o momento em que todos são poetas e a poesia vive nos menores gestos, nas menores ideias, em cada canto, em cada corpo, em cada cidade. (...) É o milagre permanente, é a maravilha normal. Nada pode ser impossível, e o impossível desaparece na lenta audácia secular dos demiurgos. O artista sente os velhos processos ridículos, o vazio de repetir diante da imensidade atual. O presente criou as coisas que se não veem mas se presumem, a atmosfera de assombro em que todos nós, sem espanto, erguemos alto o archote da visão. O presente personalizou o inerte, deu cérebro e pensamentos às máquinas, descobriu a tão sonhada vida das profundidades oceânicas, a vertigem vencida dos espaços livres, fez a estética da velocidade, a fúria metálica da rapidez, e ao cérebro deu força infinita e o sentimento do impalpável. (...) E jamais cansado, o homem possuidor do Egoísmo, a qualidade fundamental que cria a solidariedade pelo interesse e o amor pela satisfação mútua, o homem tem mais ambição. É a aspiração máxima, um conjunto exasperante em que todos querem ter mais, ser mais, vencer mais, do artífice ao que mais pode — em pleno sonho, o sonho ainda maior de superar, de criar o super-homem, de ser maior que a espécie (Rio, 2015, p.232).

Outro ponto fundamental na obra de João do Rio (e também de Nietzsche) é o humor e a ironia. Em quase todos os textos de João do Rio há uma boa gargalhada, uma anedota, uma sátira, uma tirada da cartola do autor que nos faz rir e querer mais. Gilles Deleuze captou bem este ponto sobre o pensador alemão, especialmente no texto sobre Nietzsche intitulado “Pensamento Nômade”, na coletânea Nietzsche Hoje, organizada pela professora Scarlett Marton. Ele observa que o aforismo nietzschiano é uma pura matéria de riso e alegria, marca dos grandes livros e dos grandes pensadores.

Aqueles que leem Nietzsche sem rir, e sem rir muito, sem rir frequentemente, às vezes sem dar gargalhadas, é como se não lessem Nietzsche. Isto não é verdadeiro somente em relação a Nietzsche, mas em relação a todos os autores que fazem precisamente este mesmo horizonte de nossa contracultura. O que mostra nossa decadência, nossa degenerescência, é a maneira pela qual experimentamos a necessidade de situar a angústia, a solidão, a culpabilidade, o drama da comunicação, todo o trágico da interioridade [...] O riso-esquizado ou a alegria revolucionária é o que sobressai dos grandes livros, ao invés de angústias de nosso pequeno narcisismo ou terrores de nossa culpabilidade. Pode-se chamar isso de cômico do ‘além-humano’, ou então ‘palhaço de Deus’, há sempre uma alegria indescritível que jorra dos grandes livros, mesmo quando eles falam de coisas feias, desesperadoras ou terríveis. Todo grande livro opera já a transmutação e faz a saúde de amanhã. Não se pode deixar de rir quando se embaralham os códigos. Se você colocar o pensamento em relação com o exterior, nascem os momentos de riso dionisíaco, **é o pensamento ao ar livre**. (Deleuze, 1985, p.63, grifo nosso)

Pensamento ao ar livre, mais uma vez, uma confluência de nosso encontro entre os pensadores, que falaremos adiante. Para Deleuze, se a tríade Nietzsche, Freud, Marx é tomada como aurora da nossa cultura moderna, ele faz aí uma separação importante: “Marx e Freud talvez sejam a aurora da nossa cultura, mas Nietzsche é claramente outra coisa, ele é a aurora de uma contracultura” (Deleuze, 1985, p.60). E complementa que a sociedade moderna não funciona a partir de códigos, mas funciona sobre outras bases. Marx e Freud teriam se lançado paradoxalmente numa espécie de tentativa de recodificação: “recodificação pelo Estado, no caso do marxismo (‘vocês estão doentes pelo Estado, e serão curados pelo Estado’, não será o mesmo Estado) — recodificação pela família (estar doente pela família, curar-se pela família, não a mesma família)” (Deleuze, 1985, p.61). Deleuze afirma que o caso de Nietzsche, ao contrário, não seria absolutamente este e que seu problema está em outro lugar, que não passa por tradicionais instrumentos de codificação — como por exemplo a lei, o contrato e a instituição. “Através de todos os códigos, do passado, do presente, do futuro”, argumenta o filósofo francês, “trata-se para ele de fazer passar algo que não se deixa e não se deixará codificar. Fazê-lo passar num novo corpo, inventar um corpo em que isto possa passar e fluir: um corpo que seria o nosso, o da terra, o do escrito...” (Deleuze, 1985, p.61).

Capítulo 2. “PENSAMENTOS ANDADOS”: O MÉTODO DE NIETZSCHE

Na abertura de Psicologia Urbana, compilação de cinco conferências proferidas por João do Rio em 1911, há uma página inteira em branco onde apenas se lê, no final dela, em destaque, uma citação que ele faz de Nietzsche em francês, aforismo presente em Aurora.

Le serpent perit quand il ne peut pas changer de peau. De même les esprits que l'on empêche de changer leurs opinions cessent d'être des esprits. (1. “A serpente morre quando não pode trocar de pele. De forma análoga, os espíritos impedidos de mudar suas opiniões deixam de ser espíritos.”). (Rio, 2015)

O que João quis mostrar com tal citação? Provavelmente, como Nietzsche, que de tempos em tempos o ser humano pode refletir sobre seus valores, instintos, paixões, pulsões e ideais, repensando sua visão de mundo e ídolos, e se preciso for, “mudar de pele”, mudar de opinião, de valor, de ideal, sob o risco de morrer intelectualmente, de ser mutilado espiritualmente. Ou pior, virar rebanho, impossibilitados de criar, querer e sentir — a tríade da desgraça para o filósofo — permanecendo imóveis, sedentários e ressentidos, tomados pelo espírito de vingança. Nada menos que o oposto dos espíritos livres que Nietzsche vislumbrou e fez de sua própria vida, ou em parte dela, quando sua frágil saúde o permitia.

No aforisma 225 de Humano Demasiado Humano, Nietzsche define o que é um espírito livre:

É chamado de espírito livre aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo. Ele é a exceção, os espíritos cativos são a regra; (...) (Nietzsche, 2019, p.157)

O termo *espírito cativo* também é traduzido como espírito submisso, servo. Poderíamos afirmar que João do Rio fez parte do primeiro grupo, de espíritos livres, pois quase todo seu trabalho se enveredou por onde pouco se esperava para a época. No mesmo aforisma, o filósofo escreve que os espíritos cativos afirmam que os espíritos livres têm origem na ânsia de ser notado “ou até mesmo levam à inferência de atos livres, isto é, inconciliáveis com a moral cativa” (Nietzsche, 2019).

Ocasionalmente, se diz também que tais ou quais princípios livres derivariam da excentricidade e da excitação mental; mas assim fala apenas a maldade que não acredita ela mesma no que diz e só quer prejudicar: pois geralmente o testemunho da maior qualidade e agudeza intelectual do espírito livre está escrito em seu próprio rosto, de modo tão claro, que os espíritos cativos compreendem muito bem. [...] De resto **não é próprio da essência do espírito livre ter opiniões mais corretas, mas**

sim ter se libertado da tradição, com felicidade ou com fracasso. Normalmente, porém, ele terá ao seu lado a verdade, ou pelo menos o espírito da busca da verdade: ele exige razões; os outros, fé. (Nietzsche, 2019, p.157, grifo nosso)

Mais uma vez podemos enxergar aqui o trabalho de João do Rio, até quando se lança a entender a fé nas diversas religiões do Rio de maneira mais racional. Ou quando sobe os morros cariocas quando ninguém tinha coragem de fazê-lo. Ou quando visita os usuários de ópio em um local clandestino, quando averigua o *football*, os automóveis, os mais humildes do porto que trabalhavam horas extenuantes.

Assim, como bem coloca o professor Carlos A.R. de Moura, o espírito livre não tem amarras com a opinião pública, e seu oposto, o homem de convicções, é aquele que crê estar em posse de verdades definitivas, é na verdade alguém que perdeu o espírito de investigação (como a serpente que morre ao não trocar de pele).

O espírito livre é um experimentador: sua investigação é uma pesquisa continuada que não quer solidificar-se em certezas. **Por isso, Nietzsche vai compará-lo ao andarilho que caminha ao léu, sem porto de chegada.** E também por isso o espírito livre não terá partido, já que ele não disporá das aptidões requeridas a um partidário: rapidamente seu pensamento o levará para além dos partidos. O ‘filósofo do futuro’ desenhado por Nietzsche sempre terá isso em vista; ele será amigo da verdade, sem ser um dogmático; ele nunca desejará uma verdade válida para todos; ele fará da filosofia uma investigação continuada.” (Moura, 2014, p.27)

Nesse sentido, o professor destaca que para Nietzsche, o espírito livre deve ser um experimentador que deve romper as cadeias que cercam o espírito servo, as cadeias dos deveres, o respeito aos valores antigos e venerados.

O espírito livre vai designando, assim, uma vontade de autonomia na determinação de si mesmo e de seus próprios valores, uma ‘vontade de vontade livre’. **Agora o espírito livre torna-se um experimentador curioso em face dos frutos proibidos:** ele se interrogará então se não podemos inverter todos os valores; se o bem não seria o mal; se Deus não seria uma invenção; se não pode ocorrer que tudo seja falso. **Sua liberdade de espírito deverá abrir-lhe a via para maneiras de pensar múltiplas e opostas, o que lhe dará o privilégio de viver a título de experiência”.** (Moura, 2014, p.23)

Quanto as capacidades que deve possuir o espírito livre para encontrar e criar novos valores, e para desprender-se, desligar-se de qualquer dependência daquilo que poderia influenciar seu modo de ver e viver a vida, Nietzsche é enfático ao afirmar no aforismo 41 de Além do Bem e do Mal, que deve-se, inclusive, desvencilhar-se do próprio desprendimento:

Não se prender a uma pessoa, seja ela a mais querida – toda pessoa é uma prisão, e também um canto. Não se prender a uma pátria, seja ela a mais sofredora e necessitada – menos difícil é desatar o coração de uma pátria vitoriosa. Não se prender a uma compaixão, ainda que se dirija a homens superiores, cujo martírio e desamparo o acaso

nos permitiu vislumbrar. Não se prender a uma ciência, ainda que nos tente com os mais preciosos achados, guardados especialmente para nós. Não se prender a seu próprio desligamento, ao voluptuoso abandono e afastamento do pássaro que ganha sempre mais altura, para ver mais e mais coisas abaixo de si: o perigo daquele que voa. (...) É preciso saber preservar-se: a mais dura prova de independência (Nietzsche, 2005, p.43)

Evaldo Sampaio explica que a elaboração conceptual do espírito livre não se faz *in abstracto*, mas seria sim um prolongamento hipotético e poético a partir de um fato, a predominância de indivíduos submissos às opiniões de seu tempo, cuja inteligibilidade admite e mesmo requer um seu antagonista, o tipo “extemporâneo”, afirma o filósofo.

Um extemporâneo é aquele que se põe contra e sobre sua época, especialmente contra e sobre os valores dominantes de sua época, o que o torna, neste primeiro sentido, um ‘imoralista’. Daí não ser casual que a maior exigência para um filósofo quanto a si mesmo é ‘superar em si o seu tempo, tornar-se atemporal. (Sampaio, 2013)

O extemporâneo também caminha e pode ou não isolar-se, como “o pássaro que ganha mais e mais altura”. O *flaneur*, o tal perambular com inteligência, sem dúvidas, também fazia parte da rotina do filósofo Friedrich Nietzsche, segundo ele próprio nos relata em cartas e diversas passagens de seus livros, em especial *Ecce Homo*, sua autobiografia. Um jeito de flunar diferente, mais solitário, próximo da natureza e não da cidade ou da metrópole, como fazia João, apesar de vermos seus relatos em diversas passagens, paisagens urbanas como Gênova, Turim, Veneza, Nice e outras. E vale ressaltar que em suas viagens nunca vemos o filósofo como uma espécie de turista, mas sempre na busca de condições climáticas favoráveis à sua força de criação. No capítulo “Porque sou tão inteligente”, ele expõe seu entendimento sobre por que ele pensou coisas mais interessantes que outros e por que não desperdiçou seu tempo:

Ficar sentado o menor tempo possível; não dar crença ao pensamento não nascido ao ar livre, de movimentos livres – no qual também os músculos não festejem. Todos os preconceitos vêm das vísceras – a vida sedentária – já o disse antes – eis o verdadeiro pecado contra o santo Espírito. (Nietzsche, 2008, p.36)

Complementa em *Porque sou tão Sábio*: “Sempre estive a altura do inesperado; devo estar despreparado para ser senhor de mim” (NIETZSCHE, 2008, P.25). Às vezes, com bom humor e ironia, como no *Crepúsculo dos Ídolos*, reconhecia em alguns autores o “tipo” sedentário, portador do “pensamento sedentário”. Sabemos que a tipologia é um de seus métodos de filosofar, reconhecendo em grandes nomes da filosofia, da música ou das artes, por exemplo, um tipo triste, decadente, fraco, doente, ou o forte, corajoso, por outro lado.

On ne peut et écrire qu’assis [Não se pode pensar e escrever senão sentado] (G. Flaubert). – Com isso te pego, niilista! A vida sedentária é justamente o *pecado* contra

o santo espírito. **Apenas os pensamentos andados tem valor.** (Nietzsche, 2006, p.15, grifo nosso)

A brincadeira com a expressão “pensamentos andados” é na verdade uma prática muito importante para Nietzsche, inclusive para que seus leitores entendessem o que ele queria dizer em determinado momento, em determinada obra. Ele chega a recomendar em um de seus livros que os leitores deveriam utilizar aquela obra de preferência enquanto viajavam e abrindo em qualquer página, de forma aleatória. Este seria o leitor perfeito para aquele pensamento, o espírito adequado. Vemos em sua biografia como suas viagens pela Europa foram fundamentais e transformadoras para o tipo de filósofo que ele queria ser, um filósofo das alturas, dos cumes gelados e solitários, especialmente sua saída da Basileia para a Itália e “libertação” da influência Wagner. Nietzsche não queria aliados.

O jovem Nietzsche, ainda filólogo, em suas andanças, em seu flamar, deparou-se em um sebo com um livro de Schopenhauer, entre outubro e novembro de 1865, em Leipzig. Roberto Machado lembra que após tal encontro de Nietzsche com o livro “Mundo como Vontade e Representação”, ele teria passado dias sem dormir e que, aquele livro, naquele momento de sua vida, “fundiu a sua cabeça”. Foi um “encontro transformador, aterrador, transfigurador”, interpreta Machado (CAFÉ FILOSÓFICO, 2007). A partir dali ele seguiu outros caminhos, “o que ele queria era ser filósofo”. Anos mais tarde, porém, Nietzsche se despediria também das influências de seu maior educador e pessimista.

Foi durante uma dessas caminhadas e perambulações diárias que Nietzsche teve uma visão, uma espécie de epifania que mudaria sua filosofia, e que sem dúvidas é um dos pensamentos mais importantes de sua vida: a ideia do eterno retorno, “a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar”, crava em *Ecce Homo*. O próprio Nietzsche narra o fato, ocorrido em agosto de 1881, lançado em uma página, como ele conta, com o escrito: “seis mil pés acima do homem e do tempo”.

Naquele dia eu caminhava pelos bosques junto ao lago de Silvaplana; detive-me ante um imponente bloco de pedra em forma de pirâmide, pouco distante de Surlei. Então veio-me esse pensamento. (Nietzsche, 2008, p.79)

Em *Aurora*, livro que Nietzsche classifica no prólogo como “banhado pelo sol, redondo e feliz como um animal marinho que toma sol entre os rochedos”, e que era ele mesmo “esse animal marinho: quase que cada frase do livro foi pensada, *pescada* na profusão de rochedos perto de Gênova, onde me encontrava só e partilhava ainda segredos com o mar”, encontramos um aforisma que, inevitavelmente, nos aproxima um pouco da visão de João do Rio sobre o

andar por ai pela rua, vagabundear com inteligência, sem interferir, tendo que ir a um lugar, mas acabando em outro, como ele brinca. Intitulado “Para um fim”, o aforisma 127, contido no conhecido e muito estudado capítulo dois da obra, diz:

Para um fim – De todas as ações, as menos compreendidas são as realizadas para um fim, pois sempre foram tidas como as mais compreensíveis e são, para a nossa consciência, as mais cotidianas. **Os maiores problemas se acham na rua.** (Nietzsche, 2016, p.90)

Não há nenhuma explicação depois ou antes do aforisma, embrenhado entre outros tantos abordando diversos assuntos, como é costume nos livros do filósofo. Mas deixa entrever, seguindo a lógica dos *pensamentos andados* e de não escrever sentado, essa ideia de ver o mundo longe de um teto, ver o mar, ver a natureza e as montanhas e respirar ares mais puros, tudo parte de seu projeto como “fisiólogo”, como ele mesmo se autodenomina. Ideia que explorou em diversos momentos, ao questionar não só a obra, mas quem escreveu aquela obra, em que circunstâncias, quais são as pulsões por trás do texto, de determinado autor — de vitalidade, de força, ou de fraqueza, degeneração, ressentimento.

Ao narrar como escreveu um dos capítulos de Zarathustra, sempre se referindo a importância do lugar, do clima, dos sons e dos cheiros por onde andava, o filósofo faz interessante relato de como encontrou o terceiro Zarathustra (capítulo), em Nice, na França, quiçá o capítulo mais importante do livro, onde explora, entre outros, o conceito do eterno retorno.

Muitos recantos e muitas alturas da paisagem de Nice são para mim santificados por instantes inesquecíveis; aquele capítulo decisivo que traz o título “De velhas e novas tábuas” foi composto na tão fatigante subida da estação ao maravilhoso castelo mourisco de Eza — **a agilidade muscular sempre foi máxima em mim, quando a força criadora fluía do modo mais pujante. O corpo está entusiasmado: deixemos a “alma” de fora...** Com frequência me podiam ver dançando; eu podia, sem sombra de cansaço, andar durante sete ou oito horas pelas montanhas. Dormia bem, ria muito — possuía robustez e paciência perfeitas. (Nietzsche, 2008, p.84, grifo nosso)

Tanto Nietzsche quanto João nos convidam a pensar longe de nossos gabinetes confortáveis, nossas escrivaninhas, debaixo de um teto, nos convidam a sair, olhar e ver o mundo, sentir a pulsação da rua, da estrada da montanha, fazer a máquina girar, o corpo suar, para que o pensamento possa estar a pleno funcionamento. Especialmente com a evolução das tecnologias de escrita e comunicação, passamos mais e mais tempo trancados em algum ambiente interno, em computadores e smartphones quando a vida pulsante pode estar em outra parte.

O intelecto da maioria das pessoas é uma máquina pesada, sombria e rangente, difícil de pôr em movimento. Quando querem trabalhar com ela e pensar bem, chamam a isto “tomar a coisa a sério”... Oh! Como deve ser difícil para eles o pensar bem! Em se tratando disso a graciosa besta humana perde todo o seu bom humor, ao que parece: torna-se “séria”! “E onde se ri, onde se diverte, o pensamento não vale grande coisa”, tal é o preconceito desse grave animal a respeito de qualquer “gaia ciência”. Pois bem! Mostremos-lhe que se trata de um preconceito! (Nietzsche, 2012, p. 167).

Aqui cabe um paralelo interessante com o pensamento de Nietzsche e João. Ambos recomendam o perambular com inteligência, o movimentar-se (“o corpo está entusiasmado, deixemos a alma de fora”, “o intelecto da maioria das pessoas é uma máquina pesada, sombria e rangente, difícil de pôr em movimento”) como método de pensar, filosofar, como maneira de auscultar a psicologia das ruas, a alma das ruas e a própria alma do pensador, de maneira instintiva, sensitiva, corporal e não religiosa ou metafísica. Quando o filósofo fala em intelecto pesado, sombrio e rangente, podemos dizer aí também o pesado como “valores” carregados por uns, ou como “moral” (muitos filósofos fazem essa comparação e substituição do “peso mais pesado” por os valores ou moral, na obra de Nietzsche), e podemos associar também com o espírito livre, que certamente não carrega em si tais valores empedrados, concretados. Em algo que range significa que há fricção, desgaste, ferrugem, travamento – como uma pastilha de freio desgastada que range, que não tem mais “cartilagem” para amortecer o impacto, ou um “rabugento especialista” como ironicamente cita Nietzsche. E por fim, a sombra como falta de sol, de vitalidade, de vida, de vontade.

João também fala em um estado de espírito de bonança e doçura como vimos anteriormente (o flaneur é um bom homem), de “alma igualitária e risonha”, que aborda “os notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão”, aqui certamente a comparação com Nietzsche é ainda mais evidente. Quando o filósofo identifica em grande parte da população e dos intelectuais e filósofos a presença do ressentimento (cólera) e da atitude de vingança (o não perdoar a outros e a si mesmo, o rancor) como o próximo passo do ressentido, ao procurar culpados externos ou internos a miséria, cansaço e esgotamento que sente e que transparece na obra de muitos deles.

A clareza ao escrever também aproxima Nietzsche e João, o filósofo e o cronista/jornalista. No aforismo 173 da Gaia Ciência, Nietzsche faz interessante comparação entre ser profundo e parecer profundo. Diz ele que quem sabe que é profundo busca a clareza, e quem deseja parecer profundo para a multidão, procura ser obscuro, pois esta toma por profundo aquilo cujo fundo não vê (NIETZSCHE, 2012, P.153).

Há, por fim, na própria maneira que Nietzsche escreve, por meio de aforismos na maior parte de sua obra, um indicativo de que seu método de pensar e filosofar era pouco convencional. Os aforismos são como lampejos, pequenas ideias, pensamentos intermitentes, frases ou inspirações que vem a mente, as vezes uma linha, as vezes um capítulo inteiro como nos contou Nietzsche em uma subida de Nice, são imagens portanto que vem e que não estavam na consciência, que vem a mente enquanto se está a caminhar ou fazendo outra coisa que não sentado em uma mesa pensando em determinado tema, ele aparece quando se está entregue a uma caminhada (como se sabe e sua biografia, Nietzsche escrevia em um caderninho com garranchos quase impossíveis de se ler enquanto fazia suas longas caminhadas) ou alguma atividade corporal e mental, e que o filósofo, ou o cronista, estavam atentos para captar, estavam abertos para compreender, captar, ouvir e expressar em um papel.

3. O QUE SE VÊ NAS RUAS

A crônica jornalística é um gênero que evoluiu da crônica histórica (relatos sobre feitos, cenários e personagens, como em Heródoto) e da crônica literária (produzida por espectadores privilegiados, como viajantes, que narram paisagens vistas e aventuras a seus leitores distantes), praticada nos jornais impressos desde o século XX, e foi cultivada por escritores que ocuparam as colunas dos periódicos para relatar acontecimentos pessoais – escritores do porte de Machado de Assis, José de Alencar, Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga.

O jornalista e professor José Marques de Melo defende no artigo intitulado *A crônica*, que integra o livro *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra* (Escrituras Editora, 2002) junto com outros autores, como Marinez Albertos, que a crônica jornalística é um produto predominantemente latino, que não encontra correspondência no jornalismo anglo-saxão, por exemplo. O que mais se assemelharia, segundo ele, seria o que os ingleses rotulam de *action stories* e que os norte-americanos chamam de *features*.

Melo caracteriza a crônica, juntamente com Martin Vivaldi, como valorização do fato ao tempo em que se vai narrando. “O cronista, ao relatar algo, nos dá sua versão do acontecimento, põe em sua narração um toque pessoal”, assim a crônica não seria a câmera fotográfica que reproduz uma paisagem, “é o pincel do pintor que interpreta a natureza, imprimindo-lhe um evidente matiz subjetivo” (Melo, 2002, Pag.141)

“A crônica, na imprensa brasileira e portuguesa, é um gênero jornalístico opinativo, situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real” (Melo, 2002, p.147)

Em *A Alma encantadora das ruas*, quase sempre vemos um diálogo introduzindo o assunto da crônica. O repórter se encontra com alguém, ou conversa com alguém que encontrou na rua, sobre o assunto em que as vezes está bisbilhotando, conhecendo, experimentando, presenciando. Ele diz com quem fala e onde fala, nome da rua, número e mais detalhes. Esse diálogo introduz o tema e logo vem uma definição do que é, ou quando foi inventado, quem pratica e etc.

É assim na crônica *Os tatuadores*, por exemplo, de 1904 (incluída na *Alma encantadora*). Diz que a palavra é recente, trazida pelo navegador Cook. Fala dos vários usos

e transformações ao longo do tempo e afirma que da tatuagem no Rio de Janeiro faz-se o mais variado estudo da credence — introduz sua crítica, sua observação, suas opiniões.

Por ele se reconstrói a vida amorosa e social de toda a classe humilde, a classe dos ganhadores, dos viciados, das fúrias de porta aberta, cuja alegria e cujas dores se desdobram no estreito espaço das alfurjas e das chombergas, cujas tragédias de amor morrem nos cochicholos sem ar, numa praga que se faz de lágrimas. A tatuagem é a inviolabilidade do corpo e a história das paixões. Esses riscos nas peles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas de ócio e a fantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos — são a exteriorização da alma de quem os traz. (Rio, 2008, p.63)

Fala de situações exóticas, de como é feito ou praticado tal coisa, quem faz e etc. Sob muitos aspectos que poderia abordar, fala normalmente de temas sociais e de como aquilo está relacionado com a vida de todos, ou como a ameaça, seduz, intriga a todos. Seu texto está repleto de frases marcantes e interessantes. “A vida no seu feroz egoísmo é o que mais nitidamente ideografa a tatuagem” (Rio, 2008), escreve na crônica entre muitas outras.

O marinheiro Joaquim tem um Senhor crucificado no peito e uma cruz negra nas costas. Mandou fazer esse símbolo por esperteza. Quando sofre castigos, os guardiões sentem-se apavorados e sem coragem de sová-lo.

— Parece que estão dando em Jesus!

A sereia dá lábia, a cobra atração, o peixe significa ligeireza na água, a âncora e a estrela o homem do mar, as armas da República ou da Monarquia a sua compreensão política. Pelo número de coroas da Monarquia que eu vi, quase todo esse pessoal é monarquista. (Rio, 2008, p.67)

O mesmo ocorre na crônica *Orações* (Rio, 2008, Pág.70), de 1905, texto repleto de ironias e humor em um tema religioso, curiosidades, intrigas e até críticas construtivas. Afinal, poucos teriam a coragem de chamar a oração de “tremendo micróbio da alma” (Rio, 2008). Inicia o texto em um diálogo com um menino pobre vendendo orações na rua, impressas em folhetim, que ele acaba comprando e fazendo reflexão sobre o tema. Ele confessa que passou a colecioná-los com essas “súplicas bizarras”, “orações de pragas africanas, pra dizer três vezes com um *obi* na boca, orações de todas as coisas possíveis e impossíveis” (Rio, 2008). Que é afinal uma oração? Pergunta e ele mesmo dá algumas respostas: “É um levantamento da alma a Deus com o desejo de o servir e gozar”; “O homem é o animal que acredita — principalmente no absurdo”; “Os homens vivem no mistério das palavras conciliadoras” (Rio, 2008), são algumas de suas conclusões.

Ele relata que possuía mais de mil folhetos de orações arquivadas, de todo tipo de santo. “Há orações a santos que o papa desconhece e nunca foram canonizadas” revela, como a oração de São Gurmim, “boa para dor de calos, e a de São Puiúna, infalível nas nevralgias. Os homens

vivem no mistério das palavras conciliadoras”. E vai narrando como que para cada atividade do dia há uma oração específica, ou para cada evento importante, como um parto, e vai citando dezenas delas na crônica. Depois, aquelas que ele denomina de contratos extravagantes,” as rezas covardes em que se lisonjeiam os santos para obter deles altos favores e até clamorosas maldades”. Conclui: “Não há em todo esse baixo mundo de crença uma oração inteiramente altruística ou desfeita dos egoísmos terrenos” (Rio, 2008).

O cronista brinca a todo momento com o que o santo da reza diria ao ouvirem tais orações “sem concordância pronominal metido miseravelmente debaixo de um pé!”, e pensa ‘Oh! O poder da palavra pronunciada misteriosamente! Os homens de todos os países, de todas as terras têm-lhe um terror agrado”, e observa que essas orações ainda guardam um sentido mais ou menos claro, “a maior parte, porém é apenas um estranho jogo de disparates, uma trapalhada alucinante” (Rio, 2008, pág.78).

Há na Ilíada um trecho muito citado e rico de verdades. Homero fala das orações e diz “As orações são filhas do grande Zeus, filho de Cronos. Capengas, zarolhas, feiarronas ocupam-se em seguir a fatalidade. A fatalidade é robusta e ágil. Vai muito adiante fazendo aos homens um mal que as orações remedeiam.” É destino do homem rezar, pedir o auxílio do desconhecido para o bem e para o mal, é sina deste pobre animal, mais carregado de trabalhos que qualquer outro bicho da terra ou do mar, ter medo e desconfiar das próprias forças. A fatalidade o vai conduzindo por caminhos que são despenhadeiros às vezes e campos de risos raramente. O homem chora, ergue os olhos para o azul do céu, a menor das suas ilusões povoa-o de forças invisíveis e fala, e pede, e suplica. Que importa que diga tolices ou frases lapidares, horrores ou pensamentos suaves? É preciso remediar a fatalidade. E é por isso que enquanto existir na terra um farrapo de humanidade, esse farrapo será um moinho de orações. (Rio, 2008, p.78)

Em A Notícia, de 16 de janeiro de 1908, João escreve sobre um de seus mais emblemáticos posicionamentos em favor das mulheres:

Eu sou feminista. E feminista não de hoje, mas feminista histórico como os republicanos (...) Eu sou inabalavelmente feminista (...) E sou por várias razões. A primeira é que o feminismo é a única ideia revolucionária bonita e sempre na moda (...) já uma vez jogando prendas num certo salão – muito divertido – ao ver-me perguntado – por que está na berlinda? Respondi:

- Porque sou feminista, porque deploro a esposa infeliz, porque quero o divórcio, porque faço questão dos direitos da mulher e do amor livre (...) o direito de voto e o assento nas duas casas do Congresso (...) Foi a noite de maior sucesso da minha vida. (Rodrigues, 2010, p.112)

Cumprindo um papel interessante e pouco lembrado pelos críticos do jornalismo, que é o de dar voz a alguém ou a algum movimento, João do Rio foi um dos responsáveis por dar voz ao marinheiro João Cândido e os 2500 marinheiros negros que se rebelaram em novembro de 1910, o que ficou conhecido na história como Revolta da Chibata. Eles pediam melhorias no

soldo e na alimentação e o fim dos castigos corporais impostos pelos comandantes da Marinha, todos oficiais brancos, que impunham castigos como chibatadas, palmatória e prisão em solitárias a pão e água aos marujos negros — resquícios covardes da escravidão. A revolta estourou após o brutal castigo de 250 chibatadas imposto ao marinheiro Marcelino Menezes (supostamente por ter sido visto entrar com duas garrafas de cachaça no navio). A cruel e absurda legislação vigente só autorizava um máximo de 25, mesmo assim por falta muito grave.

Os encouraçados navios (Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Deodoro) armados com canhões, chamados os “dragões do mar”, recém comprados na Inglaterra, foram tomados pelos revoltosos. Eles matam o oficial responsável pelas chibatadas, disparam contra a cidade do Rio de Janeiro e os estilhaços matam duas crianças que dormiam no Moro do Castelo. Há caos e desespero da população, alguns mais abastados fogem para Petrópolis e os pobres para o subúrbio.

João do Rio presenciou a tragédia das duas crianças e escreve na coluna Cinematographo que a revolta não é política mas sim “uma reclamação justa, feita um pouco fortemente talvez. [...] Chibata não é brinquedo” (Rodrigues, 2010, P.127), e assume que a situação é difícil. “Quero examinar minha opinião e acho difícil. Sou pela anistia sob ultimato? Não. Sou contra os marinheiros? Ao contrário. Então o que sou? É uma complicação.” (Rodrigues, 2010, P.127).

Após 3 dias de caos sai a anistia dos revoltosos e o fim das práticas desumanas pela Marinha imposta aos marinheiros negros. Apesar de anistiados, os líderes do movimento serão perseguidos e punidos, entre eles João Cândido. Ele e mais 17 são presos na Ilha das Cobras, apenas 2 saem vivos de lá (os oficiais colocam cal na cela e João Cândido só sobrevive porque coloca o nariz na fresta da porta da cela, no chão, como narra em seu diário. João Cândido é internado num hospício e passará meses até ser libertado, quando é entrevistado por João do Rio que publica seus diários. João Cândido, nascido em 1880, morreria em 6 de dezembro de 1969, na pobreza, como pescador, pois jamais foi admitido novamente na Marinha.

João do Rio mais uma vez inovou ao ter a coragem de publicar os diários do almirante negro na *Gazeta de Notícias* contra a Marinha, relatando sua tragédia antes e pós a revolta. As chamadas Memórias de João Cândido - o marinheiro, foram publicadas na íntegra recentemente no livro João do Rio – Crônica, Folhetim, Teatro, pela editora Carambaia, sendo a 2ª edição, de 2019, utilizada neste trabalho.

Há muito o que ser trabalhado no pensamento de João do Rio, sob vários aspectos, religiosos, políticos, sociais e filosóficos. Poderíamos trazer muitas das milhares de crônicas e artigos escritos por ele. Poderíamos falar de “Clic Clac! O fotógrafo”, crônica moderna escrita por ele em 1909, bem antes do movimento modernista, com onomatopeias e termos como *kodakizava*, “Hora do foot-ball”, “O dia de um homem em 1920”, “Ser snob”, “Músicos ambulantes”, “A pintura das ruas”, “Iluminação no passeio público”, “Os trabalhadores da estiva”, “Mulheres detentas”, “Crimes de amor”, “Cordões”, “Os mercadores de livros e a leitura das ruas”, — enfim, todas elas históricas do ponto de vista da temática, podendo ser exploradas de diversas maneiras, com reflexões interessantíssimas sociais, antropológicas e filosóficas.

Minha ideia para este capítulo seria transcrever pelo menos uma crônica na íntegra, para que o leitor dessa monografia possa ter noção, sem interrupções, do trabalho do autor. A difícil escolha culminou com uma crônica pouco conhecida, a penúltima do livro *Vida Vertiginosa*, localizada ali no finalzinho da obra, quase esquecida, como o animal que retrata no texto, que mostra a beleza do método de João do Rio. Ele está na rua, como de costume, e presencia a última viagem de um bonde movido a tração animal no Rio de Janeiro, intitulada, cheia de ironias, “O último burro”, publicada originalmente em *A Notícia*, em 5 de setembro de 1909, e incluída na coletânea *Vida Vertiginosa* (Paris, Garnier, 1911).

Nela percebemos esta convergência do repórter com o cronista, pensador e literato, que mais do que narrar o fato jornalisticamente, objetivamente, como fariam a maioria de nossas colegas da imprensa contemporânea, com personagens chatos e dados insignificantes e igualmente chatos do transporte público, gráficos bobos e etc, ele faz uma poderosa reflexão sobre a relação humana com os animais e o trabalho. E a partir dela vai ainda mais longe, analisando a ganância e egoísmo, a exploração da mão de obra animal e humana, a escravidão, o esquecimento, a prática moderna de tornar inútil ou mesmo aniquilar certas profissões e trabalhadores, o preconceito e a taxação de rótulos, enfim, há muito em tão pouco texto! É uma crônica que mescla comoção e sensibilidade profundas, realmente tocantes, com ironia e sátira. Com sua pena de escritor, João do Rio descreve toda cena com detalhes ricos e teatrais, e consegue transmitir toda melancolia e comoção daquele encontro com o burro. Como diz Graziela Beting, João tem essa habilidade de escrever um texto híbrido de ficção e reportagem, de invenção e realidade (Rio, 2019).

Figura 5 - Linha Madureira-Irajá, 1926. Foto:



Fonte: Augusto Malta, Museu Afro Digital, DP

(Início da crônica)

O ÚLTIMO BURRO

Era o último bonde de burros, um bondinho subitamente envelhecido. O cocheiro lerdo descansava as rédeas, o recebedor tinha um ar de final de peça e o fiscal, com intimidade, conversava.

— Então paramos?

— É a última viagem.

Estávamos numa rua triste e deserta. Viéramos do movimento alucinante de centenas de trabalhadores que em outra, a luz de grandes focos, plantavam as calhas da tração eléctrica e víamos com uma fúria satânica ao cabo da rua silenciosa, outras centenas de trabalhadores batendo os trilhos. Saltei, um pouco entristecido. Olhei o burro com evidente melancolia e pareceu-me a mim que esse burro, que finalizava o último ciclo da tração muar, estava também triste e melancólico.

O burro é de todos os animais domésticos o que mais ingratidões sofre do homem. Bem se pode dizer que nós o fizemos o pária dos bichos. Como ele tivesse a complacência de ser humilde e de servir, os poetas jamais o cantaram, os fabulistas referem-se a ele com desprezo transparente, e cada um resolveu nele encontrar a comparação de uma qualidade má.

— É teimoso como um burro! Dizem, e de um sujeito estúpido: — que burro! Cada bicho é um símbolo e o burro ficou sendo o símbolo da falta de inteligência. Mas ninguém quiz ver que no burro o que parece insuficiência de pensar é candura d'alma, e ninguém tem a coragem de notar a inocência da sua dedicação.

Eu tenho uma certa simpatia por esse estranho sofredor. Há homens infinitamente mais estúpidos que o burro e que, entretanto, até chegam a ser ricos e a ter camarote no Lírico. Há bichos muito menos dotados de inteligência e que entretanto ganharam fama. A raposa é espertíssima, quando no fundo é uma fúria irrefletida, o boi é filosófico, o cavalo só falta falar, quando de facto regulam como burro, e a infinita série de inutilidades do lar desde os gatos e fraldiqueiros aos pássaros de gaiola tem a admiração pateta dos homens, quando essa admiração devia pender para o caso simples e doloroso do burro.

O burro é bom, é tão bom que a lenda o pôs no estabulo onde se pretende tenha nascido um grande sonhador a que chamam Jesus. O burro é resignado. Ele vem através da história prestando serviços sem descansar e apanhando relhadas como se fosse obrigação. Não é um, são todos. Eu conheço os burros de carroça, com o couro em sangue, suando, a puxar pesos violentos, e conheço os burros de tropa na roça, e os burros de bondes, magros e esfomeados. São fatalmente fiéis e resignados. Não lhes perguntam se comeram, se dormiram, se estão bem. Eles trabalham até rebentar, e até a sua morte é motivo de pouco caso. Para demonstrar nos conflitos, que não houve nada, sujeitos em fúria dizem para os curiosos: — Que olham? Morreu um burro!

O burro é carinhoso e familiar. Ide vê-los nas limitadas horas de descanso. Deitam-se e rebolam na poeira como na grama, e beijam-se, beijam-se castamente, sem outro motivo, chegando até por vezes a brincar.

O burro é triste. O seu zurro é o mais conflagrante grito de dor dos seres vivos; o ornejar de um gargolejar de soluços. O burro é inteligente. Examinai os burros das carroças de limpeza pública às horas mortas, nas ruas desertas. Vai o varredor com a pá e a vassoura. É burro de resignação. Vai o burro a puxar a carroça. É o varredor pela inteligência. São bem dois amigos, conhecem-se, conversam, e quando o primeiro diz ao segundo:

— Chó, para!

Logo o burro para, solidários na humilde obra, comem os dois coitados.

Esse exemplo é diário. A história cita o burro do sábio Ammonius em Alexandria, que, assistindo as aulas, preferia ouvir um poema a comer um molho de capim.

O burro é pacífico. Si só houvesse burros jamais teria havido guerras. E para mostrar o cúmulo da paciência desse doce animal, é preciso acentuar que quase todos gostam de ouvir música. Um abade anônimo do século VII, tratando do homem e dos animais num livro em que se provava terem os animais alma, diz que foram os animais a ensinar ao homem tudo quanto ele desenvolveu depois. O burro ensinou o labor continuo e resignado, o labor dos pobres, dos desgraçados. Todo os bichos podem trabalhar, mas trabalham ufanos e fogosos como os cavalos ou com a gloria abacial dos bois. O burro está na poeira, lá em baixo, penando e sofrendo. Por isso quando se quer dar a medida imensa dos esforços de um coitado, diz-se:

— Trabalha como um burro!

Pobre quadrúpede doloroso! Não tem amores, não tem instintos revoltados, não tem ninguém que o ame! Quando cai exausto, para o levantar batem-lhe; quando não pode puxar é a murros no queixo que o convencem. De fato, o homem domesticou uma série de animais para ser deles servo. Esses animais são na sua maioria uns refinados parasitas, com a alma ambígua de todo parasita, tenha pelo ou tenha pele ou tenha penas. Os grandemente úteis dão muito trabalho. Só o burro não dá. E ninguém pensa nele!

Aqui, entre nós, desde o Brasil colônia, foi ele o incomparável auxiliador da formação da cidade e depois o seu animador. O burro lembra o Rio de antes do Paraguay, o Rio do segundo império, o Rio do começo da Republica. Historicamente, aproximou os pontos urbanos, conduzindo as primeiras viaturas públicas. Atrelaram-no á gôndola, prenderam-no ao bonde. E ele foi a alma do bonde durante mais de cinquenta anos, multiplicando-se estranhamente em todas as linhas, formando famílias, porque eram conhecidos os burros da Jardim Botânico, os lerdos burros da S. Ghristovão, os magros e esfomeados burros da Carris.

O progresso veio e tirou-os fora da primeira. Mas era um progresso prudente, no tempo em que nós éramos prudentes. Vieram os alemães, vieram os assaltantes americanos, e na nuvem de poeira de tantas ruas abertas e extirpadas, carros eléctricos zuniram matando gente aos magotes, matando a influência fundamental do burro. Eu via o ultimo burro que puxara o ultimo bonde na velha disposição da viação urbana. E era para mim muito mais cheia de ideias, de recordações, de imagens do que estar na Gamara a ouvir a retórica balofa dos deputados.

Aproximei-me então do animal amigo.

Certo, o burro é desses destinados ao olvido imediato. Entre a força eléctrica e a força das quatro patas não ha que escolher. Ninguém sentirá saudades das patas, com o desejo de chegar depressa. O burro do bonde não terá nem missa de sétimo dia após uma longa vida exaustiva de sacrifícios incomparáveis. Que fará ele? Dava-me vontade de perguntar-lhe, no fim daquela viagem, que era a última:

— Que farás tu?

Resta-lhe o recurso dos varais das carroças. Burro de bonde além de especializado numa profissão formava a casta superior dos burros. Sair do bonde para o varal é decadência. Também as carroças são substituídas por automóveis rápidos que suportam muito mais peso. E ninguém fala dos monoplanos. Dentro de alguns anos monoplane e automóvel tornarão lendárias as tropas com a poesia das madrinhas... Como as espécies desaparecem quando lhes falha o meio e não as cuidam os homens, talvez o burro desapareça do mundo nas condições dos grandes saúrios. Em breve não haverá nas cidades um nem para amostra.

As crianças conhecê-lo-ão de estampas. Em três ou quatros séculos ver um burro vivo será mais difícil do que ir a Marte.

Oh! a tremenda, a colossal ingratidão do egoísmo humano! Nós outros só damos importância ao que alardeia o serviço que nos presta e aos parasitas. O burro na civilização é como um desses escravos velhos e roídos, que não cessou um segundo de trabalhar sem queixumes. Vem o aparelho novo.

Empurram-no.

— Sai-te, toleirão! E ninguém mais lembra os serviços passados.

Eu mesmo seria incapaz de pensar num burro tendo um eléctrico, apesar de considerar o doce e resignado animal o maior símbolo de uma paciente aglomeração existente em toda parte e a que chamam povo. — Povo batido de cocheiros, explorado por moços de cavalaria, a conduzir malandros e idiotas, carregado de cargas e de impostos. Naquele momento desejava saber o que pensava o burro. Mas de certo ele talvez não soubesse que era o último burro que pela última vez puxava o ultimo bondinho do Rio, finalizando ali a ação geral do burro na viação e na civilização urbanas. Tudo quanto pensara era de facto literatura mórbida, porque nem os burros por ela se interessariam nem os homens teriam a gratidão de pensar no animal amigo, mandando fazer-lhe um monumento ao menos. O homem nem sabia, pois o caso não

fora anunciado. Aquele burro representativo talvez pensasse apenas na baia — que é o ideal na vida para os burros e para todas as outras espécies vivas.

Assim, sentindo por ele a angustiosa, a torturante, a despedaçante sensação da grande utilidade que se faz irrevogavelmente inútil, eu estava como a vê-lo boiar na maré cheia da velocidade, como os detritos que vão ter à praia, como os deputados que deixam de agradar às oligarquias, como os amigos dos governos que caem, como os sujeitos desempregados. Quanta coisa esse burro exprimia!

Então peguei-lhe a queixada, quiz guardar-lhe a fisionomia, posto que ele teimasse em não me deixar ver bem. Mas como, na outra rua, retinisse o anúncio de um eléctrico estuguei o passo, larguei o burro sem saudade — eu também! sem indagar ao menos para onde levariam esse animal encarregado de ato tão concludente das prerrogativas da sua espécie, sem mesmo lembrar que eu vira o último burro do último bondinho na sua última viagem urbana...

E assim é tudo na vida apressada.

(Fim da crônica)

Podemos ler na crônica mais uma vez João do Rio saltar do bonde, no seu tradicional perambular com inteligência, “meio entristecido” desta vez. Mas só é possível a arte desta crônica acontecer porque ele, o agente, está na rua e não no gabinete, está no último bonde, no local da história. Como ele diz no texto, pela sua humildade e singeleza, o burro não é cantado pelos poetas, mas não escapa ao olhar do cronista, que consegue enxergá-lo na sua aparente pequenez. Não havia *press release* na época, e mesmo que houvesse um pedido de algum político para a “cobertura” do fato, para dar holofotes a modernização do transporte e votos na próxima eleição, quem escreveria e publicaria, ao final do dia, sobre o burro que estava saindo para o esquecimento ao invés dos novos veículos modernos e seus financiadores capitalistas?

Como diz no texto, quanta coisa esse burro exprimia! Quem teria a audácia de analisar psicologicamente um burro de carga em 1909, no Brasil? Certamente, alguém com olhar diferenciado e sensível, pois é difícil não cair na insensibilidade com a vida vertiginosa acelerada, quando tudo está mais depressa não dá tempo de ver com atenção, tudo passa rapidamente. Mas não para o cronista, que tem em *Cronos*, no tempo, seu material de trabalho

e é capaz de não apenas ver (algo biológico da espécie), mas enxergar (algo cultural, social, para além do óbvio).

No aforisma 261 de *A Gaia Ciência* (Nietzsche, 2012), Nietzsche se pergunta o que é originalidade? Em quatro linhas define que originalidade é ver alguma coisa que ainda não tem nome, que ainda não pode ser nomeada, “embora isto esteja diante dos olhos de todos”, e que os homens originais são aqueles que dão nomes às coisas. Esta característica de ver as coisas para além do que elas mostram é uma das qualidades do texto de João do Rio.

Percebemos no início da crônica que ele está em um local triste e deserto, vindo do movimento frenético e da luz. Todos estão meio tristes e melancólicos, prestes a presenciar uma transição, o fim de uma era que, simbolicamente, podemos interpretar também como uma transição dos tempos, mas não sob o prisma da modernidade e progresso, e sim sob o prisma daquele estranho sofrimento pelo qual João nutria simpatia, o derrotado, o perdedor, o pouco lembrado animal de carga, sob as sombras, o que sai de cena.

Certamente vemos a questão do respeito aos animais aparecer na figura do burro, algo pouco ou nada debatido na época, percebemos toda ironia com o político, os animais espertalhões que levam fama no lugar do outro, a sátira com a inteligência e a ignorância, que na verdade é transvestida no burro mas espelho do homem que escraviza e tiraniza o outro. Mas a relação mais óbvia é com o mundo cruel do trabalho e a comparação do burro com os escravos e com os trabalhadores na era moderna, pois foi “o burro que simbolicamente ensinou o labor contínuo e resignado, o labor dos pobres, dos desgraçados”, que trabalha até rebentar, que morrem silenciosamente e solitariamente aos montes por aí, quase sem direitos, sendo castigados e punidos. Não atoa considera o animal doce e resignado “o maior símbolo de uma paciente aglomeração existente em toda parte e a que chamam povo. — Povo batido de cocheiros, explorado por moços de cavalaria, a conduzir malandros e idiotas, carregado de cargas e de impostos”.

Na descrição do cronista, o burro é alegre (carinhoso, familiar, brincalhão) e o mais triste (“o seu zorro é o mais conflagrante grito de dor dos seres vivos”) ao mesmo tempo. Uma figura que nos comove, alegre, inocente e trágico em sua existência. O que o jornalista está prevendo ali na imagem do último burro é a impiedosa, ingrata (fala de ingratidão do homem) sociedade moderna capitalista, que vai passar por cima de tudo e de todos, tornar inútil e antiquado o que era útil em cada inovação tecnológica, cada vez mais robotizada e menos humanizada. A grande utilidade se tornando inútil em cada nova onda de novidades, de

consumidores. A imagem que vai utilizar é forte: vê o burro “boiar na maré cheia da velocidade, como os detritos que vão ter à praia”.

No plano do espírito, ao lermos a crônica do último burro, inevitável também a lembrança e relação deste burro com o camelo do primeiro discurso de Zaratustra - Das três metamorfoses. O camelo como espírito de suportação, que toma para si o que há de mais pesado, heroicamente, respeitador, que se joelha e aceita os fardos pesados. “Não será isto: humilhar-se para magoar o próprio orgulho? Fazer brilhar a própria loucura, para escarnecer da própria sabedoria?” (Nietzsche, 1981) pergunta o espírito do camelo sobre esta carga que voluntariamente nos encarregamos de levar.

No aforisma 224 de A Gaia Ciência, intitulado “Crítica dos animais”, Nietzsche diz que receia que os animais tomem o homem por um ser como eles, mas que, por infelicidade, “perdeu seu bom senso de animal”, e diz — “receio que eles o considerem como o animal absurdo, como o animal que ri e chora, como o animal nefasto” (Nietzsche, 2012, P.155)

Mais uma vez nos perguntamos, quem teria a audácia de analisar psicologicamente um burro de carga? Inspirados por esta crônica veremos a seguir questão da psicologia urbana e da vida vertiginosa na obra de João do Rio.

3.1 PSICOLOGIA URBANA

Outra interessante convergência entre o método de escrever e algumas ideias de João e Nietzsche é o uso do termo “psicologia”, como vimos no capítulo inicial, João utiliza algumas vezes, como o termo “psicologar” no método do flaneur e “psicologia urbana”. Já Nietzsche fala das “observações psicológicas” como parte fundamental de seu trabalho, para entender o humano, demasiado humano, tema abordado em livro de igual título.

Importante ressaltar que a psicologia para João ou para Nietzsche não é a psicologia moderna no sentido clínico ou experimental. No caso de Nietzsche, ela é uma investigação filosófica dos instintos, impulsos e motivações ocultas por trás do pensamento, da moral, da religião e da cultura. Nietzsche usa a psicologia para entender por que certos valores foram criados e adotados. Ele investiga, por exemplo, como sentimentos como o ressentimento, o medo, o orgulho ou a metafísica moldaram ideais morais e religiosos.

Em *Ecce Homo*, na seção *Por que escrevo livros tão bons* §5, Nietzsche afirma que em seus escritos fala um psicólogo sem igual, e esta é a primeira constatação a que chega um bom leitor de seus livros. Na seção *Por que sou um destino* §6, Nietzsche diz “Quem, entre os filósofos, foi antes de mim psicólogo, e não o seu oposto, ‘superior embusteiro’, ‘idealista’? Antes de mim não havia absolutamente psicologia.” (Nietzsche, 2008).

Em *Humano, demasiado humano*, nos aforismas 35 a 38, que abrem o segundo capítulo intitulado *Contribuição à história dos sentimentos morais*, Nietzsche aborda exclusivamente o que entende por psicologia e porque este tipo de investigação é útil para explicar a vida em termos não metafísicos, pois a psicologia é “aquela ciência que investiga a origem e a história dos chamados sentimentos morais” (Nietzsche, 2005, p.32).

[Paul Rée escreve em seu livro *A origem dos sentimentos morais*: “O homem moral não está mais próximo do mundo inteligível (metafísico) do que o homem físico.”] Esta preposição, enrijecida e afiada sob as marteladas do conhecimento histórico, em algum momento futuro talvez possa servir de machado para cortar pela raiz a “necessidade metafísica” do homem. Se para benção ou para maldição do bem estar geral, quem saberia dizê-lo? (Nietzsche, 2005, p.33)

No supracitado aforisma 35, ele narra as vantagens da observação psicológica, ela é, segundo Nietzsche, um dos meios que nos permitem aliviar o fardo da vida, que o exercício desta arte proporciona presença de espírito em situações difíceis e distração num ambiente

enfadonho, e que mesmo das passagens mais espinhosas e desagradáveis de nossa vida podemos colher sentenças, e assim nos sentir um pouco melhor, características estas conhecidas desde muito tempo em nomes como La Rouchefoucauld, por exemplo, e vai além: “falta a arte da dissecação e composição psicológica na vida social de todas as classes, onde talvez se fale muito das pessoas, mas não do ser humano.” (Nietzsche, 2005, p.31).

Um dos trabalhos mais interessantes de João, do ponto de vista filosófico e de pensamento público, mas também no campo da moral e dos costumes, ele intitulou, como citamos anteriormente, de *Psicologia Urbana*, um compilado de cinco conferências que ele proferiu no Rio de Janeiro, publicado em 1911. Iuri Lapa e Lia Jordão destacam que o livro enfatiza um aspecto recorrente na obra do autor: a ideia de *performance* – uma espécie de “agir comunicativo ‘literário’ em sociedades predominantemente orais, a performance guarda a ideia da confluência no tempo entre o enunciado e sua recepção” (Rio, 2015, p.15). Conferências e palestras públicas passaram a ser recorrentes nos ambientes letrados da época, e João foi um desses oradores privilegiados por estar na rua, observando e registrando as transformações da cidade e dos hábitos das pessoas.

A forma com que mirava a urbe e seus habitantes já lhe rendeu a alcunha de etnógrafo honoris causa, tanto por sua abordagem – um tipo de imersão semelhante a um trabalho de campo –, quanto por suas leituras sociológicas, antropológicas, filosóficas. O que ele vê são homens interagindo em busca da satisfação de seus objetivos e impulsos, mergulhados em um complexo sistema cultural, repleto de simbolismos e distintas formas de representação. Observação participativa, decerto, mas que conseguia gerar estranhamento naquilo que devia parecer normal e natural. (Rio, 2015, p.12)

João do Rio arrisca dizer na obra, ao incluir seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, que há nele um “fio de filosofia” que ele acentuou através dos anos, sendo um *flâneur* e leitor ávido não só de literatura e da imprensa, como vimos em sua biblioteca, mas também de filosofia.

À coleção chamei *Psicologia urbana*, apenas porque me pareceu observarem esses trabalhos certos estados d’alma da cidade, de modo aliás urbaníssimo. Aos estudos juntei um discurso de recepção na Academia, porque era ainda psicologia urbana urbanamente feita, **e principalmente pelo desejo de mostrar que há no observador um fio de filosofia que acentuou através dos anos com continuidade.** Os observadores notam o que aos outros passa despercebido. A princípio, talvez por uma espécie de hostilidade ao meio. Depois, por prazer, por volúpia. E de notar erros e ridículos, acabam por amar a humanidade exatamente por tudo que no começo os ferira. Enfim: *verba volant; scripta manent!* (“As palavras passam; os escritos permanecem!”) (Rio, 2015, p.37)

Ou seja, há ali nas suas palavras algo além do jornalista, repórter, cronista, dramaturgo, escritor — há um pouco de filósofo nesse observador atento dos estados da alma da cidade. Além do discurso de posse, compõe a obra as conferências: *O amor carioca*, *O figurino*, *Flirt*, *A delícia de mentir*. Me agrada muito a conferência sobre a delícia de mentir e sobre o amor carioca. A primeira pela ironia e humor cortantes, marca de seu trabalho, a segunda pelo experimento de pensamento feito por João, que não deixa de ser cômico nos dias de hoje, com amplo acesso a informação — mas experiência de pensamento é o que certamente agradaria “seu mestre” Nietzsche.

Ele narra que juntou matérias durante dez anos em um “saco de viagem muito grande com pontas de metal” e escreveu por cima: amor. “Tudo quanto via, tudo quanto lia do noticiário do amor ia para ali guardando” (Rio, 2015), e resolve abrir o que encontrou tempos depois para o público. “Com o tempo, ao abri-lo verifiquei a média e como compreendia o amor à cidade” (Rio, 2015), revela.

Com bom humor e beleza explica seu experimento. Primeiro, nos mostra o seu método para fazer o processo verbal do estado afetivo de uma cidade, que segundo ele, é preciso não perguntar apenas. “Certas coisas não se confessam nunca. Em amor, quer da parte do homem quer da parte da mulher, há uma irresistível tendência a contar mentiras” observa.

É mesmo o único caso em que se mente sempre, mesmo quando se pensa estar dizendo a verdade pura. Por consequência, era preciso surpreender os amigos, ser bastante civilizado para não ter ciúmes, ir aos hospitais, ao hospício, à cadeia, fazer estatísticas, pedir cartas já lidas e relidas, apanhar pedaços de diálogo, peitar cocheiros, fazer de Sherlock Holmes e de aia íntima, e só depois de muito tempo apanhar os tais papéis documentativos do meu saco, revolvê-los — pedaços de coração, sangue coagulado, lágrimas mentidas, mortes, desvarios, cinismos, loucuras, nada, a vida — vir aqui, melodramático, e gritar: — Eis como ama a cidade! Eis o amor! Eis o dossiê anônimo! (Rio, 2015, p.44)

Um cavalheiro lhe responde que o amor é mais ou menos a mesma coisa desde os gregos. “Apanhe uma comédia de Terêncio ou Plauto, leia um canto de Homero, três tragédias gregas e verá que o amor de hoje é tal qual” (Rio, 2015). E João conclui: “Era a opinião de um simples. Compreender o amor como os gregos seria para nós hoje uma infâmia — porque nós somos muito piores” (Rio, 2015). (Aqui Nietzsche, o velho filólogo, bateria palmas para João).

Ao longo da palestra vai citar uma centena de autores, na maior parte dos casos filósofos e escritores renomados, entre eles: Ovídio, Terêncio, Plauto, Jules Michelet, Nicolas de Chamfort, François de La Rochefoucauld, Honoré de Balzac, Stéphane Mallarmé, [lorde] George Gordon Byron, John Keats. Mas também referências bastante únicas e ousadas, como

escritora aristocrata japonesa Murasaki Shikibu, que escreveu o extenso romance *Genji Monogatari* (1007) e Charles Swinburne (1837-1909), que escreveu sobre temas sadomasoquistas e homossexuais em plena Era Vitoriana, entre outros.

Tendemos a pensar que o amor é o mais universal dos sentimentos humanos, mas João trata o tema do amor por uma ótica particularista, como afirmam Lapa e Jordão: “as pessoas amam de modos diferentes, dependendo de onde vivem, da época, da classe social etc” (Rio, 2015, p.12)

Já em a *Delícia de mentir*, João é profético em muitos sentidos, além de cínico e cético ao rir daqueles que acham que existe verdade absoluta e que a sociedade não é feita a base de mentiras. “Nada há em que não transpareça a mentira” é sua conclusão maior do texto. “Todos mentem. A vida é mentira. Saibam mentir sempre com inteligência, façam de mentir uma delícia e terão a felicidade. Com a transmissão desse segredo julgo dar-lhes mais que se lhes desse todo dinheiro ganho a fazer da mentira uma delícia.” (Rio, 2015), brinca no começo do texto com a história da leitura de um testamento.

“A vida é mentir aos outros e a si mesmo, a vida do homem é de tal forma a mentira que o homem é o único animal capaz de corar na superfície da Terra” (Rio, 2015), afirma em determinado momento do texto. “Andamos de engano em engano, de ilusão em ilusão, de mentira em mentira”, observa.

Em longas páginas vai das mentiras inocentes das crianças e dos pais às mentiras dos religiosos e dos amantes, sempre com muito bom humor. Cita Nietzsche em um dos trechos mais hilários:

Mas o amor e deus – a reprodução e a origem, são dois elementos de fundamental agitação da alma humana. O homem, sem ter nada de positivo a respeito, nem de um nem de outro entra na sociedade e cria a civilização e a moral de acordo com o que resolveu achar bom para precisamente quase nunca o praticar. **Nietzsche dizia que a moral é o medo do vizinho. Não. A moral é aquilo que desejamos respeitada pelos outros. E daí nas sociedades constituídas a mentira como a base da vida.** Um povo civiliza-se à proporção que sabe mentir mais e melhor. Numa sociedade realmente culta, a verdade, isto é, a mentira ao alcance transitório dos estúpidos é considerada uma perigosa ofensa. Só a mentira irradia. Vejam o código, a moral. A moral legislativa é uma espécie de aperitivo proibitório, um piment. Deseja-se honradez. Os maiores patifes são os que mais pregam honradez. **Deseja-se pureza. As criaturas menos regulares são as que mais pregam honestidade. Os maiores viciados são os que mais se interessam pela extinção do vício e pela honra alheia. Quando um homem começa a falar de moral de outro, podeis ter a certeza de que secretamente e mesmo até um pouco publicamente esse sujeito é capaz de todas as ignomínias, desde a chantagem até o crime covarde contra o próprio brio, inexistente aliás ou contra a vida alheia. A maioria dos pregadores de moral tem vergonha da honestidade daqueles de que atacam a moral. E eu que conheço**

muita gente e a vida de muita gente, tenho uma coleção colossal de exemplos: os maiores crápulas são os que mais vícios encontram na gente honesta. (Rio, 2015, p.177, grifo nosso)

Chega por fim, como o filósofo alemão, a clássica conclusão de que não há fatos, apenas interpretações:

A verdade é uma necessidade de que ninguém faz uso. Não há propriamente verdade, fator positivo, há um infinito desdobrar de ilusões que no suceder das épocas temos por verdades, aliás mais ou menos relativas. E relativas porque, quando chega uma pessoa a julgar que a apanhou, a verdade foge e vai para muito mais longe, fazendo-se na existência humana uma espécie de poste do vencedor nunca atingido.

(...)

Como, entretanto, ao que parece, a espécie humana tem grande dose de pretensão, os homens todos, numa ignorância deslumbrada, chamam o certo de hoje de mentira e erro amanhã e ofendem-se com tais palavras e chegam ao excesso de se julgarem possuidores da verdade definitiva. Mal sabe essa gente que o dia do Juízo Final, anunciado há felizmente algum tempo, nada mais será do que o dia em que de chofre e sem querer a todos virá aparecer o horror da verdade, se a verdade não for ainda aí a última forma do erro.

O mundo é uma admirável construção de interpretações apenas. (Rio, 2015, p.184)

E novamente citando o filósofo afirma: “Nietzsche diz: Tudo o que a humanidade fez de sério até agora não é mesmo realidade; são quimeras, mais verdadeiramente mentiras. (Rio, 2015, p.197)”. Vemos aí portanto uma certa “noção niilista acerca da impossibilidade da verdade” (Rio, 2015) como afirmam no prefácio do texto Iuri Lapa e Lia Jordão, revelando-se o lado sombrio do cronista em sua infame defesa da mentira como *leitmotiv* da humanidade, estando ela por toda parte a criar um mundo de ilusão e fantasia — isto em “pleno auge do otimismo científico, da crença cega na verdade, do positivismo arraigado”. (Rio, 2015, p.20).

3.2 DEVASSIDÃO E DISCIPLINA, O FLANEUR E O ARTISTA

João do Rio era um devasso? A pergunta cabe dentro da ótica nietzschiana de compreender na personalidade e nos textos do cronista, as pulsões e sintomas ali presentes, bem como suas valorações morais, e de que maneira o artista surgia exposto nesta figura tão ímpar do pensamento brasileiro.

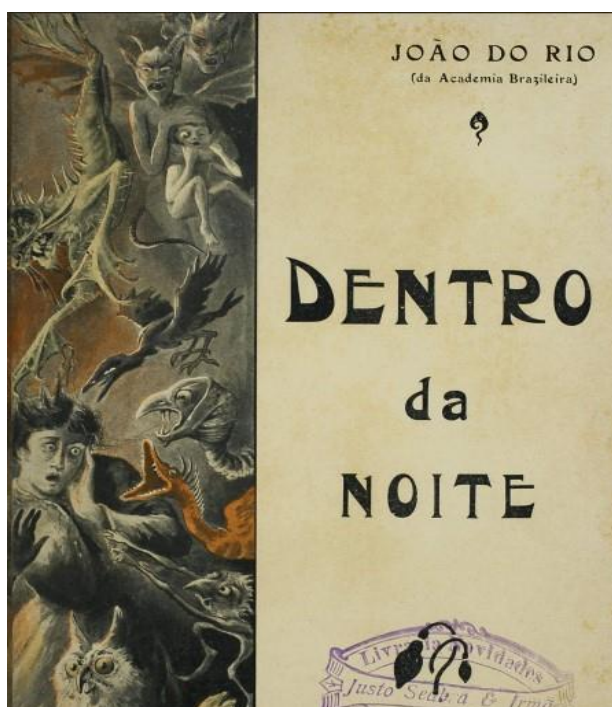
João do Rio estreia como ficcionista de maneira bastante escandalosa, com o tema da impotência, publicado em *A Cidade do Rio* quando ele havia recém completado 18 anos. Para João Carlos Rodrigues, o texto é ousado até hoje, com fortes influências de *Às avessas/ À rebours*, de Huysmans, considerada a bíblia do decadentismo, livro que influenciou Oscar Wilde. Segundo o biógrafo, são especialmente notáveis as inclinações homossexuais do personagem, então assunto pioneiro. O segundo conto, publicado nove meses depois, “Ódio” ou “Páginas do diário de um anormal”, ainda mais pesado que o primeiro na temática da sexualidade, por se tratar de dois personagens meio masoquistas, um gostava de bater no outro e quando um deles morre, o agressor não tem mais em quem bater e sentir prazer.

O que dizer então de *Dentro da Noite*, livro publicado em 1910, reunião de contos de João do Rio? A obra tem foco na sombria vida noturna da *belle époque* carioca, e nela é possível perceber de maneira inequívoca o interesse do autor pela perversão, loucura, marginalidade, devassidão e degeneração sexual “É a maior coleção de taras e esquisitices até então publicada na literatura brasileira”, define João Carlos Rodrigues (Rodrigues, 2010, pág.135), que detalha como a obra lida com histórias *sui generis* como a morte de uma prostituta numa orgia lésbica regada a éter (sim, o livro é de 1910!) e outras histórias chocantes. Basta lermos dois deles: o que dá título à obra — narra um noivo exemplar que de repente sente desejo de espetar a noiva no braço com alfinetes e ela deixa, mas descobrem a esquisitice e ele então, sem a noiva, sai pela noite fazendo isso com outras mulheres entregue ao vício degenerado e sádico.

E o mais conhecido, *O bebe de tarlatana rosa*, que narra uma história de carnaval bizarra, sem antes cravar no início do conto: “toda gente tem a sua história de carnaval, deliciosa ou macabra, algida ou cheia de luxúria atroz”. (Rio, 1910, pág.153). Nele, o personagem Heitor narra sua aventura na festividade em uma pegação com alguém (o texto não deixa claro ser homem ou mulher, é bastante ambíguo) fantasiado de tarlatana rosa (com um imenso nariz de papelão), que sempre foge dele na hora de maior desejo. Ao final, quando os personagens vão chegar as vias de fato, Heitor arranca o nariz da personagem e encontra “uma

cabeça sem nariz, com dois buracos sangrentos atulhados de algodão, uma cabeça que era alucinadamente — uma caveira com carne...”. Em meio ao pânico de Heitor, a personagem leprosa retruca: “Perdoa! Perdoa! Não me batas. A culpa não é minha! Só no Carnaval é que eu posso gozar. Então, aproveito, ouviste? aproveito. Foste tu que quizeste...” (Rio, 1910, pág.163).

Figura 6 - Contracapa da edição original do livro *Dentro da Noite*



Fonte: Domínio Público

Em diversas crônicas publicadas por João do Rio, também encontramos esse tipo de temática, como em *Os livres acampamentos da miséria* e *Missa Negra*. João Carlos Rodrigues também aborda a personalidade extravagante do cronista, considerando-o um representante do decadentismo e do *art nouveau* no Brasil. No decadentismo há uma espécie de hiperestesia de cores, aromas, os adornos ficam mais importantes que o próprio objeto, bem como personagens que fazem uso de substâncias ilícitas como ópio, éter, haxixe e outras experimentações. João do Rio, em certa medida, levava isso na vida real. Oscar Wilde usava um cravo verde na lapela, um paradoxo, pois na vida real o cravo nunca é verde. Jean Lorrain tem um personagem em um de seus livros que se vestia todo de verde por causa do absinto, das alucinações que ele causava ligadas a cor verde, a “chamada fada verde que surgia no cálice”, brinca João Carlos.

João do Rio não satisfeito com tudo isso fez um fraque verde, passeava na rua com fraque verde. Fez um colete fúcsia, roxo, foi no Teatro Nacional e foi vaiado, porque homem não usava essas cores, homem só usava cinza, marrom, no máximo um quadriculado preto, bem discreto. João do Rio tinha uma casaca branca, usava perfumes, fumava cigarros turcos que eram assim com papel com uma cor meio estranha, um cheio exótico. Então João do Rio fez todas essas provocações [...] Ele não usava barba nem bigode, nessa época todo mundo tinha barba e bigode, então as crianças iam atrás dele perguntando ‘o senhor é padre’?. (Museu Bajuba, 2022)

João do Rio era devasso? O que é um devasso? Nesse sentido, encontramos a questão exposta recentemente pelo também jornalista Eugenio Bucci, que poderemos aplicar a João do Rio pela semelhança da descrição com sua personalidade, método e obra — parece feita e dedicada a vida de nosso cronista, o que de fato não foi. Em sua conferência intitulada *O sensual e o sensível*, proferida como parte do Ciclo Mutações de 2025, organizada pelo jornalista e filósofo Adauto Novaes, Bucci parte de uma constatação de Thomas Mann em *A morte em Veneza* sobre a figura do artista, que deve ser devassa e disciplinada a um só tempo: “Quem sabe decifrar a essência e o cunho peculiar do espírito de artista? Quem consegue compreender a íntima e instintiva fusão de disciplina e devassidão que é a base de tal espírito?” (Casa Rui Barbosa, 2024).

Eugenio Bucci sugere que “espírito do artista” também podemos dizer o “ser do artista”, e vai além ao afirmar que também vale para condição humana e não apenas artística. Com relação a palavra **devassidão**, como contraste a **disciplina**, representa a ausência total de qualquer vergonha, inibição, constrangimento — em favor da vigência do imperativo do sentir. Afirma que há então uma “sensibilidade exacerbada, não como fruição contemplativa das coisas, mas como uma experiência sem freios de gozar com os sentidos do corpo sem culpa, sem embaraço” (Casa Rui Barbosa, 2024).

Ou ela existe [devassidão] ou não vai existir arte, criação, estesia e liberdade dos sentidos. Os nossos modos de sentir podem até se beneficiar da educação, da ilustração, das boas maneiras. Vejam que isso ajuda a sensibilidade, **mas se nós nos permitirmos sermos espíritos adestrados, morreu tudo**. Não há mais possibilidade, a gente perde o sal da vida. Ou o sujeito se arrisca num estado de liberdade sensorial, e aí, ele vai correr risco, se expor ao sol, ao frio, ele vai correr o risco de se despojar das proteções, ou se ele não corre esse risco, ele vai ter o sentir esmaecido e depois vai ter o sentir cauterizado. Então se a gente quiser conhecer a vida e as potencialidades sensuais, no mínimo, a gente precisa ter parte com os seres devassos (Casa Rui Barbosa, 2024)

A tradução em alemão na frase para a palavra devassidão traz a ideia, segundo Bucci, do que não tem freios, não tem rédeas, não tem cabresto. Quem é caracterizado por esse adjetivo é alguém irrefreável. “É uma pessoa que se deixa conduzir pelos embalos transgressivos: isso é um devasso!” (Casa Rui Barbosa, 2024).

Ora, é aquele que não conhece contenções em sua jornada rumo à saciedade dos sentidos, é aquele que age abertamente, quase que publicamente, quase que ostensivamente, para se faltar. Os dicionários dão sinônimos para devasso, eles são: lasso, adoro essa palavra. Licencioso, imoral, obsceno, aparecerão outras palavras. O adjetivo obsceno nos é conhecido, designa aquilo que não deveria estar na cena, aquilo que deve ficar fora da cena, que não deve ser visível na cena, o obsceno põe a nu o que não poderia ser posto. O devasso também pode ser chamado de obsceno, pois ele contraria essa regra. O devasso escancara o que era para ser camuflado e se empenha em dirigir os holofotes para aspectos da intimidade, no mais das vezes, aspectos da sua intimidade. O devasso exhibe o que estaria mais convencionalmente acomodado na coxia, nos ensaios fechados, nos closets e nos aposentos reservados. (Casa Rui Barbosa, 2024)

Mas, com apenas devassidão e sem disciplina, não seria possível consumir essa composição do ser do artista como “alguém que é capaz de criar objetos estéticos, alguém que cria linguagens que abrem canais para a estesia”, argumenta Bucci. E então entra a segunda parte, a disciplina.

Thomas Mann adverte, para ser verdadeiramente um artista ou pra ser capaz de traduzir o que sente em linguagem com originalidade, o sujeito precisa cultivar uma dose considerável de regramentos. Sem isso, ele fica sem contrapeso, sem contraforça. Para os torpores gozosos, o agente imoral, obsceno e devasso, caso pretenda refinar o espírito, terá que observar um método. A devassidão, sem disciplina bem que é possível. Nós conhecemos isso, mas se você quer fazer arte, pensamento, entender o mundo e traduzi-lo, só devassidão não basta. (Casa Rui Barbosa, 2024)

Essa disciplina, de acordo com Bucci, se impõe não de maneira cega, mas a partir de uma escolha da razão, de dentro para fora e não de fora para dentro, “com vistas a uma vida criativa que seja ao mesmo tempo livre e regrada” (Casa Rui Barbosa, 2024). O artista não pode ceder sobre a liberdade, mas de outro lado, não pode se render à preguiça ou à frouxidão, pois “somente quando cuida das duas pontas, o ser do artista consegue realizar um trabalho estético, dotado de consistência irreduzível e de identidade inconfundível”. Ou seja, de acordo com Bucci e Mann, o artista precisa trabalhar, não apenas sentir e aprender as coisas que estão no mundo, é preciso dispor dos meios para transformar as coisas do mundo em expressão.

Arte requer trabalho em lugar de gozo físico, e eu estou falando o tempo todo da arte pra dizer logo adiante que isso é exigível para a condição humana, não apenas para o artista. É preciso trabalhar e muito, ao menos durante uma parte do tempo, e trabalhar não é fruir a vida, não é aproveitar a natureza, nem as delícias do mundo, mas é transformar o mundo em troca de delícias não experimentadas. Daí a necessidade da disciplina, que sem dispensar a devassidão, mas se alimentando da devassidão, vai em seguida, educar e aprimorar a sensibilidade. Tendo em vista que não existe a lavoura estética sem disciplina apurada, todo artista é um ser disciplinado, mesmo que não pareça. Todo artista conhece o vício da devassidão, mas não se deixa governar por ele, **é assim que o pacto entre devassidão e disciplina, mesmo que improvável, é indispensável para educar a sensibilidade.** (Casa Rui Barbosa, 2024)

Por fim, o jornalista conclui em seu raciocínio que a sensualidade sem método não conduz ao conhecimento da sensibilidade, mas sim à aniquilação da própria sensibilidade. “Na era moderna, a opulência hormonal por si mesma, sem contraponto, gera o caos, e gerando caos, não realiza o humano, mas desumaniza o sujeito” (Casa Rui Barbosa, 2024), observa.

Percebemos essas nuances em um texto de João do Rio durante visita a Europa, em 1913. Ele vai a Atenas e visita as ruínas da Grécia clássica, e tem uma espécie de iluminação e inspiração quase nietzschiana diante dos monumentos.

Diante de mim, a projeção miraculosa do Paternon, banhado de clara luz, ardia num esplendor irreal. A própria magnificência aérea das colunas propileias humilharam-me. Não entrei. Divergi. Possuído de crescente sensação de pequenez, naquele pequeno monte (...) cheguei apenas até o templo da vitória sem asas (...) Dentro de mim soluçou a minha miséria (...).

- Oh, Atena, protetora das cidades (...) **perdoa o ridículo semibárbaro da América, filho de um século decadente** (...).

Então, como eu chorasse, ouvi dentro em mim outra voz (...).

- Não repitas frases de fraqueza (...) Não te humilhes. O segredo de Atena não ficou na Acrópole, correu os outros cimos da terra (...) **A vida é renovação. A lição que todos deviam saber de cor (...) está entre dois verbos: compreender e ousar (...)** Não seas fraco. Não julgues para sempre impossíveis as belezas passadas. Toma-as como incentivo e olha o mundo belamente...

Ergui-me. E na glória do tempo, olhando o espaço, abrindo os braços, aspirei largo tempo a vida luminosa. Atena, filha de Zeus, fizera a metamorfose. Eu compreendia.

Será preciso delirar na Acrópole para ter a exata compreensão da vida? (Rodrigues, 2010, p.173, grifo nosso)

Em vez de devassidão e disciplina, como vimos no pensamento de Eugênio Bucci, João diz algo muito similar neste momento de epifania: *compreensão* e *ousadia* é o seu diagnóstico para a vida que vale a pena ser vivida, para o espírito do artista, e, porque não, para o espírito do filósofo. O *flâneur* não deixou de ser *flâneur* ao passear pelas ruínas do que foi o berço da filosofia. E ali meditou sobre fraqueza, sobre um século decadente, sobre a vida como renovação de tudo, sobre quem era ele e suas potencialidades e como, por meio da compreensão e ousadia, é possível ver o mundo belamente, apesar de tudo.

3.3 - VIDA VERTIGINOSA E DECADÊNCIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Um dos importantes registros originais deixados por João do Rio em sua obra foi a percepção da transição de uma maneira de viver de forma mais lenta, cadenciada, para um estilo de vida mais veloz, mais frenético, fruto das novas dinâmicas nas metrópoles que se estabeleciam. A forma de governo também mudava: o Império daria lugar a República.

Para João do Rio, a vida vertiginosa era a intensa e acelerada experiência urbana. Ele usava essa expressão para descrever a agitação da cidade, com suas ruas movimentadas, cafés, teatros, crimes, luxos e contrastes sociais. Como cronista, João do Rio captava essa dinâmica frenética da modernidade e a transformava em literatura, mostrando tanto o encanto quanto os desafios da vida na metrópole – e suas decadências, misérias. Em dois livros é possível notar esta mudança no estilo de vida do carioca, e certamente, do restante do Brasil. Em *Cinematógrafo* (1909), dava início a era das imagens no século XX com o cinema, ou as “fitas”, como era chamado na época do cronista, e ele captou bem tal passagem que gerou o Brasil de hoje; e em *Vida Vertiginosa*, publicada em 1911, coletânea de 25 contos e crônicas de João do Rio escritas entre 1905 e 1910, que retrata a agitação e os contrastes da vida urbana no Rio de Janeiro. A obra explora a modernização da cidade, destacando temas como o luxo das elites, a marginalização dos pobres, os costumes da sociedade e as mudanças trazidas pelo “progresso”.

Com uma escrita sensível e detalhista, João do Rio apresenta personagens que vivem intensamente essa vida vertiginosa, mergulhados em dilemas morais, paixões, vícios e ilusões. Ele expõe tanto o glamour da modernidade quanto seus aspectos sombrios, como a hipocrisia social, a corrupção e a desigualdade.

Essa "vertigem" vinha do crescimento rápido da cidade, com a chegada da eletricidade, dos bondes, dos cinemas e da influência europeia, contrastando com a pobreza e a exclusão social. Em suas crônicas e livros, ele captava essa dualidade: a cidade como um espaço de fascínio e caos, onde a modernidade criava tanto oportunidades quanto desigualdades.

Assim, a vida vertiginosa para João do Rio era essa mistura de encanto e angústia que surgia da vida moderna, onde tudo parecia acontecer ao mesmo tempo, transformando o Rio de Janeiro em um cenário de espetáculo e tensão.

Um dos símbolos desta nova maneira de viver acelerada foi o automóvel. João flagrou isso de maneira peculiar. “E, subitamente, é a era do automóvel”, escreve em uma de suas

crônicas mais conhecidas do livro *Vida Vertiginosa* (da qual usaremos citações no português original da época). Pode parecer inocência dar ao automóvel tal destaque, mas, em perspectiva, vive-se no século XXI similar acontecimento com a inteligência artificial — esse misto de espanto, medo, terror e encantamento com o futuro, com a promessa de que uma nova forma de viver no mundo surgirá a partir da nova tecnologia.

Figura 7 - Ford-de-bigode, produzido entre 1908 e 1927 nos Estados Unidos



Fonte: jornalperiscopio.com.br/site/carros-historicos-ford-t-o-ford-bigode

Os carros, na época de João, especialmente os Fords-de-bigode⁴, substituíram os Tílburis⁵, e os bondes-de-burro desapareceriam para dar lugar aos bondes elétricos — registrada na crônica *O último burro*. “O monstro transformador irrompeu”, constata João na crônica, “bufando, por entre os descombros da cidade velha, e como nas magicas e na natureza, aspérrima educadora, tudo transformou com apparencias novas e novas aspirações”. E

⁴ Produzidos entre 1908 e 1927 nos Estados Unidos, foi o primeiro a ser fabricado em uma linha de produção, resultando no barateamento do seu custo. Antes os automóveis eram considerados uma espécie de brinquedo barulhento e caro. No Brasil, o automóvel ganhou o apelido de Ford Bigode e o motivo foi o seguinte: ainda não era com o sistema de acelerador com pedal, mas sim com uma alavanca junto ao volante, que formava par com outra, para ajustar o avanço de ignição. As duas alavancas, opostas, formavam a figura de um bigode.

⁵ Uma espécie de serviço de táxi que começou a circular em 1846. Tratava-se de um carro pequeno de duas rodas e dois assentos (um deles para o condutor), puxado por um só animal e com tarifa pré-determinada (preço por hora). No Centro, os tílburi faziam ponto na Rua Direita (atual Primeiro de Março). Como eram relativamente baratos e rápidos, tornaram-se bastante popular. Com o crescimento da indústria automobilística, no século XX, surgiram os táxis motorizados. Fonte: www.multirio.rj.gov.br

utilizando o automóvel como modelo, constata: para que a era se firmasse fora preciso a transfiguração da cidade.

Vivemos inteiramente presos ao Automóvel. O Automóvel rithmiza a vida vertiginosa, a anciã das velocidades, o desvario de chegar ao fim, os nossos sentimentos de moral, de esthetica, de prazer, de economia, de amor. (Rio, 1911, p.4)

Apesar do espanto com a velocidade, João encanta-se com o tipo novo que ele cria, “instantâneo e preciso”, e classifica o automóvel como instrumento de precisão fenomenal, o grande reformador das formas lentas.

Mas o automóvel não simplifica apenas a linguagem e a orthographia. Simplifica os negócios, simplifica o amor, liga todas as coisas vertiginosamente, desde as amizades necessárias que são a base das sociedades organisadas, até o idyllio mais puro. Um homem, antigamente, para fazer fortuna, precisava envelhecer. E a fortuna era lamentavelmente pequena. Hoje, rapazolas que ainda não tem trinta annos, são millionarios. Porque? Por causado automóvel, pòr causa da gazolina, que fazem os meninos nascer banqueiros, deputados, ministros, directores de jornal, reformadores de religião e daesthetica, aliás com muito mais acerto que os velhos. (Rio, 1911, p.6)

João brinca em seu texto com o automóvel e a nova era vertiginosa que ele inaugura, e cria imagens sugestivas: “Nelle, toda a quentura dos seus cylindros, a trepidação da sua machina transfundem-se na pessoa”. E complementa: “Não é possível ter vontade de parar, não é possível deixar de desejar. A noção do mundo é inteiramente outra. Vê-se tudo fantasticamente em grande” (Rio, 1911). Muito do que ele constata não está longe de nossa atual época, muito pelo contrário, vemos as novas tecnologias em todas as áreas ditarem as novas formas de viver, hábitos, relacionamentos, jogos de poder e de conquista. E, como ele sentiu em sua época, altera nossa percepção da natureza e mesmo da política, como de forma irônica o autor convida-nos a rir com a classe política.

Graças ao automóvel a paysagem, morreu —a paysagem, as arvores, as cascatas, os trechos bonitos da natureza. Passamos como um raio, de óculos enfumacados por causa da poeira. Não vemos as arvores. São as arvores que olham para nós com inveja. Assim o Automóvel acabou com aquella modesta felicidade nossa de bater palmas aos trechos de floresta e mostrar ao estrangeiro *la naturaleza*. Não temos mais *la naturaleza*, o Corcovado, o Pão de Assucar, as grandes arvores, porque não as vemos. A natureza recolhe-se humilhada. Em compensação temos palácios, altos palácios nascidos do fumo de gazolina dos primeiros automóveis e a febre do grande devoramos. Febre insopitavel e bemfazeja! não se lhe pode resistir.

Quando os novos governos começam, com medo de perder a cabeça, logo no começo ministros e altas autoridades dizem sempre: — Precisamos fazer economias. Como? Cortando orçamentos? Reduzindo o pessoal? Fechando as secretarias? Diminuindo vencimentos? Não. O primeiro momento é de susto. As autoridades dizem apenas.

— Vamos vender os automóveis.

Mas logo altas autoridades e funcionários sentem-se afastados, sentem-se recuados, tem a sensação penosa de um Rio incompreensível, de um Rio anterior ao

Automóvel, em que eram precisos mezes para realizar alguma coisa e horas para ir de um ponto a outro da cidade. E então o ministro, mesmo o mais retrogrado e velho revoga as economias e murmura :

— Vão buscar o Automóvel !

Oh ! o Automóvel é o Greador da época vertiginosa em que tudo se faz*de pressa. Porque tudo se faz de pressa, com o relógio na mão e, ganhando vertiginosamente tempo ao tempo. Que idéia fazemos de século passado? Uma idéia correlata a velocidade do cavalo e do carro. A corrida de um cavallo hoje, quando não se aposta nelle e o dito cavallo não corre numa raia, é simplesmente lamentável. Que idéia fazemos de hontem? Idéia de bonde eléctrico, esse bonde eléctrico, que deixamos longe em dois segundos (...) (Rio, 1911, p.9)

Satiriza, como de costume em seus textos, as relações amorosas a partir dos automóveis. Brinca que as mulheres de seu tempo, “desde as cocotes às sogras problemáticas, resistem a tudo: a flores, a vestidos, a camarotes de teatro, a jantares caros. Só não resistem ao automóvel” (Rio, 1911, pág.10).

Ah! O automóvel ! Elle não criou apenas uma profissão nova: a de chauffeur; não nos satisfaz apenas o desejo do vago. Elle precisou e accentuou uma época inteiramente Sua, a época do automóvel, a nossa delirante e inebriante época de fúria de viver, subir e gosar, porque, no fundo, nós somos todos chauffeurs Moraes, agarrados ao motor do engenho e tocando para a cuba das posições e dos desejos satisfeitos, com velocidade máxima, sem importar com os guarda-civis, os desastres, os transeuntes, sem mesmo pensar que os bronzes podem vir a derreter na carreira doida do triumpho voraz ! Automóvel, Senhor da Era, Creador de uma nova vida, Ginete Encantado da transformação urbana, Cavallo de Ulysses posto em movimento por Satanaz, Génio inconsciente da nossa metamorfose (Rio, 1911, p.11)

Nas crônicas que se sucedem vemos o mesmo João rindo da relação entre professor aluno, da precocidade das *Modern girls*, o vício em jogo no Brasil em *Jogatina*, ou o bem de viajar com a popularização das viagens de transatlântico, sempre procurando entender os novos costumes do século XX. Em *Os livres acampamentos da miséria*, uma das mais conhecidas do livro, o *flâneur* sobe o morro de Santo Antônio, favela carioca, e narra a imensa pobreza e desigualdade que encontra.

Como o termo “vertiginosa” sugere, João percebe e relata que os novos tempos seriam rápidos, impetuosos, causadores de grande agitação e perturbação. Ou mesmo de perda de sentido, que pode gerar o desespero, a liberdade absoluta, como traduz o pensamento nietzschiano.

Esta sensação está relacionada com o termo muito abordado na filosofia de Nietzsche e após dele, conhecido como niilismo, palavra que vem do latim “nihil”, que significa nada, nulidade. No *Assim falou Zaratustra* o filósofo chega a dizer que o niilismo provocara no personagem principal um fastio do homem, algo ou um saber que o sufocava, que causava

náusea e horror, especialmente na presença do Adivinho, um personagem do livro inspirado em Schopenhauer.

Para resumir a ideia do niilismo vamos utilizar a definição do professor Roberto Machado, e por tabela, a de Deleuze, um de seus mestres. Ele identifica pelo menos quatro tipos de niilismo na obra de Nietzsche. Vamos tratar sobre três deles. O **niilismo negativo**, ou seja, a desvalorização da vida em nome de valores superiores a própria vida, como ocorre com a promessa de um mundo eterno e suprasensível, tal como o paraíso cristão, em contradição com o mundo temporal e real. Interessante que Nietzsche situa o início deste niilismo na antiguidade, com Sócrates, Platão e seus discípulos, culminando no cristianismo. Daí sua expressão clássica de que o “cristianismo é platonismo para o povo”⁶.

O segundo tipo seria o **niilismo reativo**, identificado com os modernos e os burgueses, que é a desvalorização dos valores superiores, uma reação dos modernos à metafísica e ao próprio cristianismo, uma reação aos valores superiores e sagrados instaurados com o deus cristão. É a morte de Deus anunciada/constatada por Nietzsche na modernidade. Roberto Machado fala na substituição de Deus — considerado como fundamento metafísico — pelo homem, considerado como condição de possibilidade, utilizando-se de um termo kantiano. O progresso e aperfeiçoamento do homem pelas ciências, por exemplo, seria o motivo do afastamento dos homens da religião, do sagrado, caracterizando a secularização de seus ideais e valores.

Já o terceiro tipo, o **niilismo passivo**, é aquele que não acredita nos valores superiores a própria vida, mas também não acredita no progresso nem no aperfeiçoamento da humanidade. É o niilismo do Adivinho, o pior dos pessimistas, caracterizado pelo homem esgotado, exausto, triste e sem esperanças, identificado como um negador da vida. Roberto Machado observa que o progresso é uma ideia moderna, que nasce no século XVIII, e Nietzsche já no século XIX é um dos “primeiros críticos da ideia de progresso, do aperfeiçoamento da história, de uma perfectibilidade do homem na história, quer dizer, que nós seríamos cada vez mais perfeitos” (Café Filosófico, 2007).

[...] Parece-me, inclusive, que um dos grandes interesses do pensamento de Nietzsche para nossa contemporaneidade, para nossa atualidade, é ele ter previsto com muita antecedência a derrocada de uma espécie de otimismo moral o século XIX. É o momento do otimismo. Tudo bem, Deus morreu, mas vamos aperfeiçoar o homem. Minha questão não é mais a promessa de um mundo futuro que venha corrigir o que

⁶ A sentença encontra-se escrita no Prólogo de *Além do bem e do mal*, escrito por Nietzsche em Sils-Maria, em junho de 1885.

nós vivemos agora. Se nós somos frágeis, fracos, vingativos, imperfeitos, mas cada vez mais a história vai nos revelar um reino da liberdade, da força, da potência. Isso é o sentido do progresso. Esse niilismo reativo quando matava deus, matava deus em nome do homem, em nome da história. E Nietzsche foi um dos primeiros a desconfiar que o homem não tinha tanta força para ocupar o lugar de deus. Que dificilmente o homem poderia ocupar o lugar do fundamento que durante tantos séculos deus ocupou na história da humanidade. Me parece que Nietzsche sentiu como ninguém que o maior perigo que traz a morte de deus. Quer dizer, esse niilismo reativo que quer colocar o homem no lugar de deus é a ampliação do niilismo é o aumento do niilismo é a intensificação do niilismo. Uma ideia que o Nietzsche diz poeticamente. O deserto vai crescer. (Café filosófico, 2007)

“O deserto avança”, ou “o deserto cresce”. A metáfora utilizada por Nietzsche em um poema na quarta parte de Zarathustra, intitulado *Entre as filhas do deserto*, é bastante significativa. O filósofo argentino Dario Sztajnszrajber, pensador público que utiliza as novas e as tradicionais mídias para divulgar a filosofia ao grande público, pensa a questão dando várias interpretações interessantes. Afirma o pensador em programa de rádio chamado Demasiado Humano, que morto Deus, o deserto cresce. Já não há nada e ninguém

que lhe dê sentido (ao mundo, ao homem), de modo crível, sólido, robusto — se perdeu a robustez da realidade. Então, o descentramento da realidade pode provocar uma sensação de liberdade.

“Não há horizonte no deserto, as formas são fulminadas. Ele é tão vasto que não podemos estar parados em nenhum lado, não há caminhos, não há método”, afirma. Um lugar sem traços, rotas, itinerários, sem fronteiras, não se sabe para onde ir. Para o filósofo argentino este é o paradoxo da liberdade. A liberdade absoluta pressupõe uma absoluta indefinição, sem bordas, sem fronteiras, não há marcas, apenas tormentas de areia. E quando aparece alguma marca, a tormenta a dissolve, a fulmina. Essa é uma sensação de vazio.

No deserto não há nada. Alguém diz, ah, existe areia. A areia é o nada, porque a areia é a consagração da homogeneidade do mesmo. Ninguém compara dois grãos de areia e diz ‘uau, que diferença’. A areia é o uniforme, reproduzido de modo quase infinito. Dizem que deserto está ligado etimologicamente a deserdar. Quando alguém deserda, tem a ver com deixar, abandonar algo que tinha sentido. Quase como uma traição. E onde acaba sem nada, nada do que até o momento o comprometia. O niilismo é a figura que representa o triunfo do nada, em uma de suas leituras. Em Nietzsche há diferentes formas de conceber o niilismo. Há um niilismo em que nada me toca, nada me comove, um niilismo que é o triunfo do nada. (Demasiado humano, 2022, tradução nossa)

Se no deserto não há fronteiras, a segunda interpretação que Dario dá a expressão de Nietzsche, fruto do aumento do niilismo, é a de que buscamos tais limites, marcas, em nós mesmos. Do ponto de vista histórico e religioso, é também um acontecimento no deserto que se dá a origem da tradição judia-cristã, que é parte da origem do ocidente, a revelação.

Pra onde vai Jesus a ser tentado pelo diabo? Ao deserto. O que vai fazer Jesus no deserto? Pensar. Qual o melhor lugar para se pensar? O deserto. Por que? Porque não há nada, não há um estímulo que te desconcentre. Fica não sei quantos dias no deserto, como espelho do que somos, porque ao terceiro dia, o aborrecimento, o tédio, é a desculpa, ou fio condutor para que um se tope com o nada que ele é. Quando Nietzsche diz o deserto cresce, aí daquele que alberga desertos, tem a ver com isso, dar-nos com o mundo que se dá nossa própria desertificação, nossa própria deserção. Nosso niilismo interior, digamos. Mas o reflexo é ressonante, ou seja, não há estímulos, não há disruptores, não há desconcentração, alguém está aí consigo, quer modular e mudar o olhar e volta ao mesmo. (Demasiado humano, 2022, tradução nossa)

E conclui, por fim, que o problema não é a existência do deserto, mas sim que ele esteja se expandindo, que esteja crescendo, isto que é o assustador.

Ha uma repetição homogenia do mesmo. Então me pergunto, esse deserto, esse nada, essa areia, não está também presente em um mundo, não vazio de coisas, se não 'ultracoisificado', ou seja, repleto de coisas que fazem com quem alguém entre ao mercado de consumo exacerbado, no fundo, todo ente por mais etiqueta diferente que tenha, ao final, remete a uma única questão que é: estar afetado por coisas que se supõe que necessitamos consumir para sobreviver. Onde há mais deserto, é a pergunta. Em um nada que de algum modo se volta numa interpelação do abismo que somos, ou num mundo repleto de estímulos, de reações, de insumos, que está apresentado como diversificado, como repleto de diferenças, mas no fundo, quando depuras um pouco, não são mais coisas feitas para que alguém se coisifique a si mesmo? Um shopping, por exemplo...o deserto cresce. (Demasiado humano, 2022, tradução nossa)

CAPÍTULO 4. DO POSITIVISMO AOS ORIXÁS: AS RELIGIÕES DO RIO NO PENSAMENTO DE JOÃO

E Magnus Söndhal, com um volume de Nietzsche debaixo do braço, seguiu com os iniciados pela rua a fora, como se fosse um ser natural... (Rio, 2013, p.34)

Para concluir este percurso com João e Nietzsche, retomamos a leitura da obra *Religiões do Rio*, de onde começamos a análise da sua visão de rua e seu método de trabalhar como um *flâneur* na nova metrópole, disposto a ir onde poucos ou ninguém ia, da luz às sombras, e igualmente disposto a se divertir com os novos cafés, lojas, boulevards e automóveis. Passamos por sua visão de decadência e progresso na cidade e na cultura, especialmente na poesia, teatro, literatura e filosofia e suas ideias de vida vertiginosa e modernidade.

Neste trabalho de João do Rio percebe-se algo novo no ar à primeira leitura, algo além do jornalismo, como diz a professora Maria Angélica Madeira, da Universidade de Brasília, em *Rio, a Cidade das Cem religiões*.

É possível identificar nesta obra impasses a serem contornados e as soluções encontradas pelo autor para assumir sua fala, para ser lido, ouvido e aceito em sua diferença. Paulo Barreto - mulato e homossexual – adota o nome da cidade pela qual sempre esteve apaixonado. Nasce João do Rio, e com ele um personagem que pratica o dandismo como forma de estetização da vida cotidiana, um jornalista *smart* e *chic* que lança modas, que divulga ideias, como as de Oscar Wilde, Nietzsche ou Charles Baudelaire. Bem informado, atualizado com os autores contemporâneos, foi em busca do efêmero, do *dernier cri*, das futilidades do *grand monde*, mediador entre séculos, entre universos sociais contrastantes, entre zonas apartadas, circulando com a mesma elegância nos salões e nos becos mais sórdidos. Tinha apenas 17 anos quando começou a trabalhar em *A Cidade do Rio*, jornal fundado por José do Patrocínio; 19 quando foi para a *Gazeta de Notícias* e 22 quando publicou essa pequena obra, por definição inclassificável. (Rio, 2013, p.13)

A obra é ainda mais valorosa por explorar religiões não hegemônicas da época, ou seja, não eram católicas apostólicas romanas. João visitará e publicará sobre os terreiros de candomblé, da macumba e dos feitiços; o positivismo de Auguste Comte; o movimento evangélico e a Igreja Fluminense, Presbiteriana, Metodista e Batista; fisiólatras liderados por Magnus Söndhal; Nova Jerusalém; satanismo; espiritismo de Kardec, cultos do mar entre outros.

Vale destacar o pioneirismo e o impacto cultural e social das primeiras crônicas sobre as religiões africanas, os terreiros de candomblé e a macumba presentes na obra.

Antônio é como aqueles adolescentes africanos de que fala o escritor inglês. Os adolescentes sabiam dos deuses católicos e dos seus próprios deuses, mas só veneravam o uísque e o *schilling*. Antônio conhece muito bem N. S.^a das Dores, está familiarizado com os *orixás* da África, mas só respeita o papel-moeda e o vinho do Porto. Graças a esses dois poderosos agentes, gozei da intimidade de Antônio, negro inteligente e vivaz; graças a Antônio, conheci as casas das ruas de São Diogo, Barão de S. Felix, Hospício, Núncio e da América, onde se realizam os *candomblés* e vivem os pais-de-santo. E rendi graças a Deus, porque não há decerto, em toda a cidade, meio tão interessante. (Rio, 1976, p.2)

Com essa abertura um tanto pitoresca, novamente conhecemos um personagem (Antonio) que vai guiar o repórter por entre os becos e locais escondidos das práticas de cultos e seitas as mais variadas no Rio de Janeiro, por onde o autor vai nos levar para um passeio imersivo, de choque cultural, de terror e bonança. Como disse João do Rio no prefácio do livro, vemos que sua iniciativa foi de boa fé, “foi este o meu esforço: levantar um pouco o mistério das crenças nesta cidade” (Rio, 2013) escreveu. “Falai-lhes boamente, sem a tenção de agredi-los, e eles se confessarão - por que só uma coisa é impossível ao homem: enganar o seu semelhante, na fé” (Rio, 2013), complementa no já citado prefácio.

Porém, é também em *As Religiões do Rio* que o autor não escapa a seu tempo e demonstra preconceitos e julgamentos de valor negativo a população afrodescendente, frases e impressões racistas perpassam as matérias relacionadas as religiões africanas.

A professora Maria Angélica Madeira afirma que, apesar disso, seu texto tem o mérito de não aplinar, não generalizar. “Ao contrário, nota-se uma ênfase explícita na diversidade, no respeito a todas as religiões mesmo sem compartilhar suas crenças” (Madeira, 2013), observa.

Percebemos nos primeiros parágrafos esta tentativa de boa-fé de catalogar o máximo possível as características das religiões africanas que ele vai empreender. É preciso observar que, se em 2025 ainda há preconceito e falta de informação sobre as religiões de matriz africana no Brasil, naquela época muito menos se sabia e o preconceito era enorme.

Da grande quantidade de escravos africanos vindos para o Rio no tempo do Brasil colônia e do Brasil monarquia, restam uns mil negros. São todos das pequenas nações do interior da África, pertencem ao igesá, oié, ebá, aboum, haussá, itaquá, ou se consideram filhos dos ibouam, ixáu dos gêge e dos cambindas. Alguns ricos mandam a descendência brasileira à África para estudar a religião, outros deixam como dote aos filhos cruzados daqui os mistérios e as feitiçarias. Todos, porém, falam entre si um idioma comum: - o eubá.

Antônio, que estudou em Lagos, dizia:

- O eubá para os africanos é como o inglês para os povos civilizados. Quem fala o eubá pode atravessar a África e viver entre os pretos do Rio. Só os cambindas ignoram o eubá, mas esses ignoram até a própria língua, que é muito difícil. Quando os

cambindas falam, misturam todas as línguas... Agora os orixás e os alufás só falam o eubá. (Rio, 1976, p.2)

Na voz do guia Antônio, João do Rio apresenta no texto que os africanos se dividiam em três crenças: os orixás, das etnias *jêje* e *iorubá*, criadores do culto hoje denominado *candomblé*; e os alufás ou malês, muçulmanos frequentemente ricos; e os cabinda ou congo ou angola, criadores da *macumba*.

Os orixás, em maior número, são os mais complicados e os mais animistas. Litólatras e fitólatras, têm um enorme arsenal de santos, confundem os santos católicos com os seus santos, e vivem a vida dupla, encontrando em cada pedra, em cada casco de tartaruga, em cada erva, uma alma e um espírito. Essa espécie de politeísmo bárbaro tem divindades que se manifestam e divindades invisíveis. Os negros guardam a idéia de um Deus absoluto como o Deus católico: Orixá-alúm. A lista dos santos é infindável. Há o orixalá, que é o mais velho, Axum, a mãe água doce, Ie-man- já, a sereia, Exu, o diabo, que anda sempre detrás da porta, Sapanam, o Santíssimo Sacramento dos católicos, o Irocô, cuja aparição se faz na árvore sagrada da gameleira, o Gunocô, tremendo e grande, o Ogum, S. Jorge ou o Deus da guerra, a Dadá, a Orainha, que são invisíveis, e muitos outros, como o santo do trovão e o santo das ervas. A juntar a essa coleção complicada, têm os negros ainda os espíritos maus e os heledás ou anjos da guarda.

É natural que para corresponder à hierarquia celeste seja necessária uma hierarquia eclesiástica. As criaturas vivem em poder do invisível e só quem tem estudos e preparo pode saber o que os santos querem. Há por isso grande quantidade de autoridades religiosas. Às vezes encontramos nas ruas negros retintos que mastigam sem cessar. São babalaôs, matemáticos geniais, sabedores dos segredos santos e do futuro da gente; são babás que atiram o endilogum; são babaloxás, pais-de-santos veneráveis. Nos lanhos da cara puseram o pó da salvação e na boca têm sempre o obi, noz de cola, boa para o estômago e asseguradora das pragas. (Rio, 1976, p.3)

Já os *alulás* têm um rito diverso, narra João do Rio com riqueza de detalhes, característica mantida durante todas as suas reportagens. “São maometanos com um fundo de misticismo. Quase todos dão para estudar a religião, e os próprios malandros que lhes usurpam o título sabem mais que os *orixás*”, explica na voz de Antônio.

Logo depois do *suma* ou batismo e da circuncisão ou *kola*, os *alufás* habilitam-se à leitura do Alcorão. A sua obrigação é o *kissium*, a prece. Rezam ao tomar banho, lavando a ponta dos dedos, os pés e o nariz, rezam de manhã, rezam ao pôr-do-sol. Eu os vi, retintos, com a cara reluzente entre as barbas brancas, fazendo o *aluma gariba*, quando o crescente lunar aparecia no céu. Para essas preces, vestem o *abadá*, uma túnica branca de mangas perdidas, enterram na cabeça um *filá* vermelho, donde pende uma faixa branca, e, à noite, o *kissium* continua, sentados eles em pele de carneiro ou de tigre.

- Só os *alufás* ricos sentam-se em peles de tigre, diz-nos Antônio.

Essas criaturas contam à noite o rosário ou *tessubá*, têm o preceito de não comer carne de porco, escrevem as orações numas taboas, as *atô*, com tinta feita de arroz queimado, e jejuam como os judeus quarenta dias a fio, só tomando refeições de madrugada e ao pôr-do-sol. Gente de cerimonial, depois do *assumy*, não há festa mais importante como a do *ramadan*, em que trocam o *saká* ou presentes mútuos. Tanto a sua

administração religiosa como a judiciária estão por inteiro independentes da terra em que vivem. (Rio, 1976, p.4)

João do Rio vai presenciar diversos rituais das religiões africanas, quase sempre aterrorizado, quando não, com um misto de ceticismo, ironia e choque, mas sempre descrevendo os detalhes, as informações das hierarquias, dos cantos, das danças, dos sacrifícios dos animais as práticas de cura, do santo.

Constata que quase tudo era permeado pelo dinheiro. “Sempre o dinheiro! – fiz eu olhando a velha casaria”. E Antônio lhe responde: “Neste mundo, nem os espíritos fazem qualquer coisa sem dinheiro e sem sacrifício!” (Rio, 1976, p.24).

Para Maria Angélica, há duas regularidades que garantem a dimensão estética do texto de João do Rio: a primeira, o princípio do fragmento, implícito no gênero novo que está inventando, a crônica reportagem, “baseada em investigações empíricas, visitas aos lugares, conversas com informantes, leitura da bibliografia disponível sobre o tema” (Rio, 2013).

A segunda, uma explícita busca de organização artística pela imposição de uma estrutura clássica ao material coligido: o informante torna-se o guia que permite ao repórter ou ao poeta experiências que seriam impossíveis se não chegassem pelas mãos de um iniciado. Assim foi com Dante conduzido por Virgílio ao Purgatório e ao Inferno, assim João do Rio, o repórter contraditório, de muitas faces e pseudônimos, conduzido pelos inúmeros personagens nas visitas diurnas e noturnas aos templos e locais de culto, lugares repletos de luz ou os antros escuros de Satã, um sucedendo ao outro, sem nenhuma preocupação com a continuidade. Estamos no regime da crônica, no reino do fragmento. (Madeira, 2013, p.15)

João Carlos Rodrigues comenta a polêmica em torno do livro, primeiro, das acusações de plágio, pois anos antes o jornal *Le Figaro* publicara uma série semelhante, de Jules Bois, editada em 1898 como *Les petites religions de Paris*. Estruturalmente são parecidas, e algumas seitas são comuns em ambas, como o satanismo e a Igreja Positivistas. Porém, as cinco reportagens sobre os cultos africanos não constam na primeira obra, e o biógrafo conclui que há mais diferenças do que semelhanças no trabalho de João do Rio.

As cinco reportagens sobre os cultos de origem africana vão mais além, pois atestam pesquisas pioneiras num assunto tão evidente quanto mal abordado, pois os estudos do professor Nina Rodrigues, feitos na Bahia, tinham circulação restrita e só serão publicados em livro três décadas depois. Guiado por um informante ‘inteligente e vivaz’, o negro Antônio, movido a gorjetas, o narrador percorre a Cidade Nova, a Gamboa, o Santo Cristo e as cercanias da Praça Tiradentes, à procura dos africanos remanescentes e seus cultos. Suas informações são verídicas, e mesmo os cantos em iorubá (nagô) recolhidos por ele sobreviveram até os dias atuais. (Rodrigues, 2010, p.51)

João do Rio teve formação positivista influenciado pelo pai, Alfredo Coelho Barreto, gaúcho de São Leopoldo, que foi para o Rio estudar medicina e mecânica na Escola Politécnica, no Largo do São Francisco, ponto de reunião dos positivistas, onde conheceu sua mãe, Florência, e casaram-se, ele com 23 ela com 15 anos. O pai, após prestar concurso se torna professor de matemática na Escola Normal e também ocupa anos depois a cadeira de mecânica e astronomia no internato do hoje Colégio Pedro II. Era positivista de primeira ordem e batizou com o “sacramento da apresentação” na Igreja Positivista Brasileira o pequeno Paulo Barreto, aos dois anos.

De formação positivista, João do Rio observou os cultos com olhar científico e distante, quando não horrorizado com a possessão dos *iaô* e a matança de animais. Isso não o impediu de descrever com minúcias a hierarquia sacerdotal do candomblé, o panteão dos orixás e o culto dos *eguns* na Casa das Almas. Chega a enumerar entre as entidades algumas que não chegaram aos nossos dias. Como *jejê* Xapanã e o *cabinda* Cangira Mugongo, da varíola e da morte, suplantados pelos *iorubá* Omolu e Obaluaiê. E ainda Oraniã, o fundador mítico do reino de Oiô; Obulafã, o patrono da tecelagem; o *jejê* Verequete (Avereqketé); os *cabinda* Cubango e Ganga Zumba. Quanto aos malês, suas anotações indicam uma degenerescência do Islã, mais dedicada à feitiçaria e ao mau-olhado do que aos estudos do Corão. (Rodrigues, 2010, p.52)

No Brasil, o positivismo, para além dos ditos da bandeira nacional, teve importância e relevância entre intelectuais da época. Com João do Rio não foi diferente. Porém, em solo nacional, a Igreja Positivista criou uma dissidência dentro do movimento internacional, segundo João Carlos Rodrigues, vindo a ofuscar os núcleos parisienses discípulos de Auguste Comte.

Muitas de suas ideias (separação entre a Igreja e o Estado, liberdade de imprensa, reforma do ensino, proteção ao indígena e ao trabalhador) podiam ser consideradas avançadas. Eram, entretanto, antifeministas e contra o divórcio, e pregavam uma ditadura republicana ‘esclarecida’. Apesar da Lei dos Três Estados (teológico ou fictício, metafísico ou abstrato, científico ou positivo) sugerir o ateísmo, na prática os positivistas brasileiros criaram uma nova religião, sincrética com o catolicismo. (Rodrigues, 2010, p.25)

Como afirma a professora Angélica, João do Rio tem consciência de que seu trabalho é incompleto e justifica-se afirmando que seu esforço foi “levantar um pouco do mistério das crenças nesta cidade” (Rio, 2013), como vimos no prefácio da obra. Para ela, a escolha do tema de investigação é bizarra. “Ele, leitor de Nietzsche, que não andava em busca de verdades, que representava a própria vida mundana da virada do século XX, por que esse interesse pela questão das religiões?” Se pergunta em seu texto: “uma curiosidade jornalística apenas ou o desejo de compreender melhor o desamparo em que vivem os melancólicos e os necessitados,

a ausência de sentido da existência e o conforto que é dado aos que creem?” (Rio, 2013). Para ela, o repórter não crê, mas também não zomba, mesmo quando usa o cinismo, “este é leve e sem maledicência” (Rio, 2013, p.23).

CONCLUSÃO: RUA DA AMARGURA

Pensar e refletir o Brasil que adentrava na modernidade do século XX a partir das crônicas, palestras e contos de João do Rio possibilita uma imersão na vida das elites e das canalhas cariocas e brasileiras, da inocência e devassidão, dos polos da desigualdade imensa que marca países em desenvolvimento, para sentir a velocidade das transformações, as novas sensações, hábito e costumes do povo e da *belle époque* tardia que eclodia nas novas ruas reformadas, automóveis, construções e na sociedade, ao mesmo tempo ir ao encontro dos páreas, deserdados e malditos, mergulhando no submundo, nas trevas, nos cultos escondidos e nos morros — no seio do Brasil. Aquilo que o repórter captou, que o cronista desdobrou e o escritor desenvolveu com sua pena traz à tona questões que aparentemente não aparecem no politicamente correto Brasil que se via então.

João foi uma identidade plural e um livre pensador, como provavelmente almejava Nietzsche ao imaginar os filósofos/intelectuais do futuro, indo em busca das histórias e dos fatos na rua, sem esperar informações trazidas por outrem em seu gabinete ou na redação, prática comum da época e, porque não, *modus operandi* também da atualidade, imersa em um mundo digital de smartphones e personal computers. É uma alegria visitar sua obra e os filósofos podem encontrar ali rico material de pesquisa e de reflexão sob muitos aspectos do ser e estar nesse mundo, do ser e estar no Brasil e na rua, nas crenças e nas utopias da modernidade. Como canta Caetano Veloso em Sampa, seu hino a cidade que o recebeu, “Quando te encarei frente a frente não vi o meu rosto/ Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto/ É que Narciso acha feio o que não espelho”.

Na rua o pensador corre perigo e gosta disso, do inesperado, a adrenalina, a emoção, o caótico e o bizarro, é ele o condutor e personagem ao mesmo tempo da história, está envolvido, envolto naquilo que escreve, há uma vertigem no ar. No aforisma 283 de *A Gaia Ciência*, Nietzsche escreve que o segredo para colher da vida a maior fecundidade e a maior fruição é *viver perigosamente*, e que logo passará o tempo em que os homens do conhecimento podiam se contentar em viver “ocultos na floresta, como cervos amedrontados!”. Para o filósofo devemos sim, nós homens do conhecimento, “construir nossas cidades próximo ao Vesúvio!” (vulcão que destruiu Pompéia), devemos “mandar nossos navios por mares inexplorados”

sermos “salteadores” e “conquistadores” enquanto não pudermos ser “governantes” e “possuidores” (NIETZSCHE, 2012).

Quando comecei a escrever esse texto, eu não tinha muito certo onde eu ia chegar, mal tinha um porto seguro de saída. Fui assim como um *flaneur*, que vai pela rua, fui deixando-me levar pelas estantes da biblioteca, pelas fotos, documentos e histórias.

Durante a escrita me deparei algumas vezes nas crônicas com essa imagem: João do Rio está no bonde e vê alguma coisa que o atrai, um lugar ou um personagem chamativo e, sem pensar muito, ele rapidamente salta do bonde num pulo e vai atrás daquilo que viu! Pois bem, concluo dizendo, poeticamente, ou simbolicamente, que o que me atraiu para escrever essa monografia foi este saltar do bonde: eu gostaria de refletir filosoficamente sobre esse pulo no ar! Esse momento!

O bonde segue noutra direção, numa aceleração, com conforto, e o cronista, excitado pelo olhar, pula para o desconhecido, e deixa o bonde ir embora. Você só salta do bonde e muda sua rota quando algo te espanta. Tem esse momento de susto e depois vem a coragem, muito valorizada por Nietzsche, essa coragem de mover o corpo e dar o salto no vazio, ou seja, o bonde foi embora, não há mais como voltar naquela rota, você decidiu pular, mesmo que não seja seguro, mesmo com o esforço e o risco. Você pode cair e se machucar, pode ser atropelado, não interessa. É também a imagem do espírito livre nietzschiano, que se desloca onde os outros não esperavam. Algo me atraiu para lá, é esse impulso esse instinto que nos move naquela direção, mesmo que contraria e arriscada.

João tinha muitos compromissos no dia que poderiam ser adiados ou cancelados para ele seguir aquela investigação, como ele brinca na *Alma Encantadoras Ruas*, mesmo que fosse o menino tocando uma gaitinha ou algum casal apaixonado que chamou sua atenção. No mesmo sentido, nós também estamos sempre com agendas cheias de compromissos, e vez por outra algo capta nosso olhar, “tenho que ir atrás daquela história, daquele personagem, tem algo ali de **chamamento**”, pensa o espírito do *flaneur* que há em nós. Se eu não pular do bonde agora aquela história vai desaparecer para sempre... Os compromissos fixos da agenda, trabalho e etc... continuarão onde estão, mas se eu não pular do bonde atrás dessa pequena oportunidade, desse vislumbre que apareceu, aquela história vai desaparecer. Esse **chamamento** é muito claro na obra de Nietzsche. Quando ele descreve, por exemplo, como lhe ocorreu toda a primeira parte de Zaratustra durante suas caminhadas, “sobretudo o Zaratustra como tipo”, ele descreve com as seguintes palavras: que o livro *caiu sobre mim*... (NIETSCHE, 2008, P.80).

Curioso, Nietzsche andava com um caderninho anotando a mão essas ideias únicas, raras, diferentes que vinham aparecendo na sua mente. Há um espírito necessário para enxergar essas histórias. É o espírito de observação, de curiosidade, de estar conectado com algo que não está visível, uma espécie de estado meditativo, atento ao seu redor e ao seu pensamento. João certamente estava imbuído deste espírito e nos presenteou com excelentes reflexões e histórias, as vezes de luzes e deslumbramento, muitas vezes dentro da noite nas sombras da humanidade. Nietzsche, por meio de Zarathustra, assim escreveu em Canto Noturno:

Canto Noturno

É noite: falam mais alto, agora, todas as fontes borbulhantes. E também a minha alma é uma fonte borbulhante.

É noite: somente agora despertam todos os cantos dos que amam. E também a minha alma é o canto de alguém que ama.

Há qualquer coisa insaciada, insaciável, em mim; e quer erguer a voz. Um anseio de amor, há em mim, que fala a própria linguagem do amor.

Eu sou luz; ah fosse eu noite! Mas esta é a minha solidão: que estou circundado de luz (...)

É noite; ai de mim que tenho de ser luz! E sede do que é noturno. E solidão!

É noite: como uma nascente, rompe de mim, agora, todas as fontes borbulhantes. E também a minha alma é uma fonte borbulhante.

É noite: somente agora despertam todos os cantos dos que amam. E também a minha alma é o canto de alguém que ama. (Nietzsche, 1981, p.118)

No centenário da morte de João do Rio, em 2021, pouco se fez e poucas foram as homenagens ao cronista carioca, a não ser algumas matérias de jornal, nem mesmo a Academia Brasileira de Letras se pronunciou ou preparou qualquer tipo de material — sequer uma nota em lembrança a um de seus imortais. O trabalho de João do Rio segue, perto do que poderia ser pela sua importância que tentamos mostrar aqui, restrito a um público acadêmico voltado para a literatura e o jornalismo, e mesmo assim, timidamente acanhado. Com a homenagem tardia na Flip de Paraty, em 2024, algumas reedições de seus livros que seguem saindo e com o interesse de outros campos do saber, como a Filosofia, talvez João do Rio e sua vida vertiginosa, sua alma encantadora seja mais celebrada, estudada e lida no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. **A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida**. 2010. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos, Rio de Janeiro, Brazil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/QPXXcHNxGXTjP4RCXyVKhJb/#>. Acesso em: 10.Ago.2023
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAFÉ FILOSÓFICO. **A alegria e o trágico em Nietzsche, com Roberto Machado**. São Paulo: Café filosófico, 2007. 1 vídeo (2h17min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tv9YYGQma5U&list=PLGWPTUZjh4lfzpNgv9grFMwERbP1WB3k1&index=103>
- CASA RUI BARBOSA. **Ciclo Mutações: “O sensual e o sensível” - Eugênio Bucci**. Rio de Janeiro: 2024. 1 vídeo (1h54). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BYyyLJhRoa0&list=PLGWPTUZjh4lfzpNgv9grFMwERbP1WB3k1&index=116>
- DELEUZE, Gilles. **Pensamento Nômade**. In: MARTON, Scarlett (Org). Nietzsche Hoje. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DEMASIADO HUMANO. **El desierto crece - Nietzsche - Darío Sztajnszrajber es Demasiado Humano**. Futurorock FM, 2022. 1 vídeo (52m16). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OZRyBaEC-dE&list=PLGWPTUZjh4lfzpNgv9grFMwERbP1WB3k1&index=113>
- DIAS, Geraldo Pereira. **A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo / Geraldo Pereira Dias; Orientador Ivo da Silva Júnior**. – São Paulo, 2019. 472 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, SP, Brasil.
- FLIP - FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY. **Mesa 1: as ruas têm alma – com Luiz Antonio Simas**. Paraty: FLIP, 2024. 1 vídeo (1h31m) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ob7IFQz7Qic>
- MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- MADEIRA, Maria Angélica. In: RIO, João do. **As religiões do Rio** 1.ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 234p
- MELO, José Marques de. **A crônica**. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (org). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- MOURA, Carlos A.R de. **Nietzsche: civilização e cultura**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MUSEU BAOBÁ. **Cintilando e causando frisson - 140 anos de João do Rio**. Rio de Janeiro: Museu Baobá, 2021. 1 vídeo (2h16min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MyhvIT36PWA&t=4257s>. Acesso em: 20 dez.2024

MUSEU BAOBÁ. **Cintilando e causando frisson - 140 anos de João do Rio**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: museubajuba.org/cintilando-e-causando-frisson/. Acesso em: 20 nov.2024

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Tradução notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. Tradução notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. Tradução notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Tradução notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2019.

RIO, João do. **A alma encantadora das Ruas**. Organização Raul Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIO, João do. **A alma encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, 2002. Disponível em: [\[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2051\]](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2051). Acesso em: 13/02/2024

RIO, João do. **Crônica Folhetim Teatro**. Seleção e apresentação Graziella Beting. 2.ed. São Paulo: Carambaia, 2019.

RIO, João do. **As Religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar - Coleção Biblioteca Manancial n.º 47, 1976.

RIO, João do. **As religiões no Rio**. 1.ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 234p.

RIO, João do. **Psicologia Urbana**. 2. ed. - Rio de Janeiro : FBN, Coordenadoria de Editoração, 2015.

RIO, João do. **O momento literário**. 1. ed. - Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.

RIO, João do. **Dentro da noite**. 1. ed. - Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

RIO, João do. **Vida vertiginosa**. 1. ed. - Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911.

RODRIGUES, João Carlos. **João do Rio: Vida, paixão e obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAMPAIO, Evaldo. **Por que somos decadentes? : afirmação e negação da vida segundo Nietzsche**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 360p.

SARAU DA CASA AZUL. Live: **João do Rio e a memória da cidade com Antônio Edmilson Rodrigues**. 2022. 1 vídeo (1h02). Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=tx5uavaRJFg&list=PLGWPTUZjh4ldzrGWm_UZ9w-g5opkfhQKc&index=3